

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

MARCOS MAGNO ESPINDOLA DE MOURA

**VIRAR BOFE NÃO DÁ!**

A normatização da heterossexualidade e Políticas Culturais Ético-Identitárias como emancipação de Identidades estigmatizadas.

Niterói 2016

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

**E77 Espíndola, Magno.**

Virar bofe não dá! A normatização da heterossexualidade e políticas culturais ético-identitárias como emancipação de identidades estigmatizadas / Magno Espíndola. – 2016.

74 f. ; il.

Orientador: João Luiz Pereira Domingues.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2016.

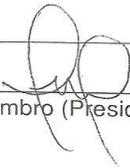
Bibliografia: f. 62-63.

1. Sexualidade. 2. Comportamento sexual. 3. Estado. 4. Estigma. 5. Sexualidade; aspecto social. 6. Economia. 7. Sociedade. 8. Política cultural. 9. Ética. 10. Identidade. I. Domingues, João Luiz Pereira. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: <b>MARCOS MAGNO ESPINDOLA DE MOURA</b>	Matrícula: 209.33.079
Título do Trabalho: <b>“VIRAR BOFE NÃO DÁ! A NORMATIZAÇÃO DA HETEROSSEXUALIDADE E POLÍTICAS CULTURAIS ÉTICO-HIDENTITÁRIAS COMO EMANCIPAÇÃO DE IDENTIDADES ESTIGMATIZADAS”</b>	
Orientador: <b>Dr. João Luiz Pereira Domingues</b>	
Categoria: <b>Monográfica</b>	Data da Apresentação: <b>21/07/2016</b>

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): <b>Dr. João Luiz Pereira Domingues</b>
2º Membro: <b>Drª. Marina Bay Frydberg</b>
3º Membro: <b>Drª. Ana Lúcia Silva Enne</b>

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário A Banca destaca a HONDADE DA TEMÁTICA, O APROFUNDAMENTO DOS AUTORES ESCOLHIDOS, REFORÇANDO A IMPORTÂNCIA POLÍTICA DESTA ESTUDO NO ATUAL QUADRO DE RELAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL. DESTACA TAMBÉM A FORMA MADURA COMO OS ATRAVESSAMENTOS INDIVIDUAIS CONSTRUÍRAM O LUGAR DO PESQUISADOR. POR FIM, RECOMENDA-SE A CONTINUIDADE DA PESQUISA EM NÍVEL DE PÓS-GRADUAÇÃO.		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): <b>10,0 (DEZ)</b>		
ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

MARCOS MAGNO ESPINDOLA DE MOURA

**VIRAR BOFE NÃO DÁ!**

A normatização da heterossexualidade e Políticas Culturais Ético-Identitárias como emancipação de Identidades estigmatizadas.

Monografia apresentada ao curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharelado.

Orientador Prof. Dr. João Luiz Pereira Domingues

Niterói, 2016

MARCOS MAGNO ESPINDOLA DE MOURA

**VIRAR BOFE NÃO DÁ!**

A normatização da heterossexualidade e Políticas Culturais Ético-Identitárias como emancipação de Identidades estigmatizadas.

Monografia apresentada ao curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharelado.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. João Luiz Pereira Domingues**  
**Universidade Federal Fluminense**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Marina Bay Frydberg**  
**Universidade Federal Fluminense**

---

**Prof. Dr.<sup>a</sup>. Ana Lúcia Silva Enne**  
**Universidade Federal Fluminense**

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro gostaria de agradecer meus pais pelo apoio de toda a vida e principalmente pelo ensinamento na convivência e amor pelo diferente. Mãe, obrigado pelo apoio nas aulas de balé aos quatro anos, e pai por me ensinar a nunca desistir do que acredito. Em segundo, agradecer ao amigo e Doutor João Domingues, por esses quatro anos de ensinamento sobre o diferente e a necessidade de sua positivação para sua emancipação, através das políticas culturais ético-identitárias. Também gostaria de agradecer a todos os amigos e pessoas que estiveram junto comigo nessa longa caminhada universitária, sem nossas conversas de D.A (diretório acadêmico) eu não teria sustança argumentativa para fazer o presente trabalho. E mais importante quero agradecer ao grupo Boy'Z UP, em especial aos bailarinos Rodrigo Assyni, Vitor Rodrigues, Lucas Oliveira e Diewry Anunciação, e suas respectivas mães Sra. Rosa Oliveira e Sra. Rosemary Anunciação pela disponibilidade das entrevistas, carinho e respeito com que fui tratado. E para finalizar gostaria de agradecer a todas as gays, bichas, drags à todxs as maravilhosas que conversaram comigo durante a minha pesquisa nas boates, bares, festas e academias de dança, sem vocês esse trabalho não seria possível.

## **RESUMO**

A presente pesquisa dedica-se a realizar uma análise através da história da formação de nossa sociedade, para entendermos quais as razões e consequências que causaram a normatização da heterossexualidade. Em seguida, veremos como se relacionam sujeitos heteronormativos com sujeitos que possuem outras identidades sexuais, estas que diferem daquela norma padrão, como os homossexuais masculinos afeminados. E finalmente, como que através das políticas culturais de identidade, as diferentes formas de sexualidade podem ser ressignificadas positivamente na sociedade, e assim perderem sua marca de estigma.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	1
1. O ESTADO E A HETEROSSEXUALIDADE COMO A SUA SEXUALIDADE LEGITIMA.....	7
1.1 A Legitimação Da Heterossexualidade Pela Economia.....	15
2. O SUJEITO HOMOERÓTICO COMO IDENTIDADE ESTIGMATIZADA PELA HETERONORMATIVIDADE. ....	22
2.1 A Política Cultural ético-identitária como possibilidade de reconhecimento das identidades homoeróticas. ....	27
3. BOY´Z UP; ACEITA... Análise Das Histórias De Vida E As Políticas Culturais Ético-Identitárias Como Meio De Positivação as Identidades Homossexuais. ....	34
3.1 Apresentação Dos Personagens. ....	37
3.2. Boy´z UP - Pesquisa De Campo.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	62
ANEXOS .....	64
Lucas.....	64

# INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada dedica-se a analisar sujeitos homossexuais e suas características como constituinte de sua própria identidade social (GOFFMAN,1988), assim como, seus discursos, para que essas formas estigmatizadas por nossa sociedade masculina, heterossexual e branca, sejam ressignificadas. E assim aquelas, possam se tornar identidades possíveis para sujeitos que não se enquadram nas normas imposta por nossa sociedade. Norma essa que criada pelo homem branco e heterossexual, que estigmatiza todas as outras formas de se viver a sexualidade.

Entendo esse trabalho como faz parte de um processo de ressignificação da nossa sociedade machista, essa ressignificação está sendo entendida nesse trabalho como um processo de disputa pelo reconhecimento de formas de sexualidade que ainda são estigmas. Esse trabalho teórico aqui apresentado visa colaborar nesse processo de forma que homossexualidade masculina afeminada seja uma identidade social possível e não mais uma identidade social caçada e punida. Assim no curso de produção cultural pude perceber que essa ressignificação seria possível através do campo cultural, esse que como veremos através do trabalho é um lugar onde as disputas pelo reconhecimento da diferença estão cada vez mais presentes.

A análise do discurso será feita através das histórias de vida de alguns integrantes do grupo de dança BoyZ UP, grupo de dança urbana do Rio de Janeiro que expressa a identidade homoerótica através de coreografias que tem como base os estilos de dança: Stiletto<sup>1</sup>, Voguing<sup>2</sup>, Street Jazz<sup>3</sup>, Hip-

---

1 Stiletto dança é uma forma de dança que surgiu e evoluiu no Estados Unidos e Europa nos séculos 21 e iníciodos anos 20 atrasados. É nomeado após o salto stiletto sapato estilo das mulheres, uma vez que uma das suas características distintivas é o uso de sapatos de salto alto durante a performance. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Stiletto\\_dance](https://en.wikipedia.org/wiki/Stiletto_dance). Acesso em: 30/05/2016.

2 Vogue ou voguing é uma dança moderna altamente estilizada que se caracteriza por posições típicas de modelos com movimentos corporais definidos por linhas e poses. Originalmente popularizada na década de 1980, graças as festas chamadas Ballrooms ou Balls em clubes gays do centro dos Estados Unidos, ganhou fama quando foi apresentada pela cantora Madonna em 1990 em canção de mesmo nome. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vogue\\_\(dan%C3%A7a\)#cite\\_note-RefA-3](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vogue_(dan%C3%A7a)#cite_note-RefA-3). Acesso em: 30/05/2016.

3 Sendo o resultado de um conjunto de contaminações, o intérprete do Street Jazz dá a possibilidade de trabalhar sobre a qualidade da circulação e expressividade, com o objectivo de torná-lo isento de regimes estilísticos rígidos, e padrões estéticos definidos. Disponível em [https://it.wikipedia.org/wiki/Street\\_jazz](https://it.wikipedia.org/wiki/Street_jazz). Acesso em: 30/05/2016.

Hop<sup>4</sup>, dentre outros. Com isso, os coreógrafos Rodrigo Assiny e Vitor Rodrigues exploram através desses estilos de dança a performance do corpo homoerótico no palco.

Porém nos dois primeiros capítulos a discussão feita será de como a heterossexualidade se tornou uma norma, e principalmente, quem a tornou normal, deixando a sombra da anormalidade, outras formas de vivenciar a sexualidade. Para isso, o primeiro capítulo, será construído com as obras de Foucault, para que possamos nortear como a sexualidade foi construída na base heterossexual através de séculos, por homens que detinham o poder de dizer qual seria a melhor sexualidade para se constituir uma sociedade saudável e próspera. Além disso, pensaremos como o Estado e suas razões governamentais, assim como a economia, reforçaram a ideia da heterossexualidade como a "melhor" norma para o desenvolvimento social.

Depois de entendermos como essa norma se constituiu de forma tão plena no mundo ocidental, farei uma observação da relação dos sujeitos que possuem a heteronormatividade como princípio, com sujeitos que não a possuem como forma de reconhecimento de suas identidades - como por exemplo, os homossexuais masculinos afeminados<sup>5</sup>. Ademais, como através dessa relação de dominação, a heteronormatividade pune e estigmatiza sujeitos em razão de uma soberania masculina questionada por sujeitos homoeróticos, e de como as políticas culturais ético-identitárias (DOMINGUES, 2013) podem dar visibilidade, positivando minorias que tem suas identidades degradadas por uma norma dominante.

A estrutura social dominante tende a condenar os sujeitos que possuem características do corpo homoerótico, o pressuposto da sociedade normativa, geralmente, defende a masculinidade como única forma possível para o corpo do homem, preceito que deve ser seguido por todos os que nascem biologicamente com o sexo masculino. Esse engessamento comportamental estigmatiza (GOFFMAN, 1988) qualquer homem que possua características que fujam dessa norma dominante, como por exemplo, comportamentos ditos femininos como fragilidade e vaidade.

---

4 A dança hip-hop refere-se aos estilos de dança sociais ou coreografados relacionados à música e à cultura hip-hop. Isto incluiu uma grande variedade de estilos, especialmente breakdance, locking e popping, os quais foram desenvolvidos na década de 70 por afros e latino-americanos. O que diferencia a dança hip-hop de outros tipos de dança é o estilo livre que seus dançarinos frequentemente se enfrentam em batalhas - competições de dança formais ou informais. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Dan%C3%A7a\\_hip\\_hop](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dan%C3%A7a_hip_hop). Acesso em: 30/05/2016.

5 O indivíduo que deixou de possuir modos viris; quem é muito delicado ou sensual; aquele que expressa fragilidade e fraqueza. Disponível em <http://www.dicio.com.br/afeminado/>. Acesso em: 30/05/2015.

Com isso, o presente trabalho tratará as políticas culturais ético-identitárias, como meio emancipatório desses sujeitos que possuem características do corpo homoerótico, esse que é formado em um corpo masculino, porém incorpora gestos e trejeitos normatizados como femininos em nossa sociedade.

O trabalho pretende explorar os mecanismos societários onde as formas de viver as sexualidades são baseadas na homossexualidade masculina, e como ao interagir com a nossa sociedade moderna, que é baseada em formas heteronormativas (DINIZ, 2003), as formas homoeróticas se tornam estigmas, características depreciáveis e indesejáveis imposta a um determinado sujeito, ou grupo social. Para demonstrar como essa norma heterossexual se estabeleceu e como ela vem se reafirmando, os três volumes da “Histoire de la Sexualité”<sup>6</sup>, de Michel Foucault, serão utilizados para essa análise, mostrando como através dos séculos o sujeito heterossexual vem ditando as normas sexuais que devem ser seguidas e aquelas condenáveis, como perversão.

Na companhia de Dança Boã’Z UP isso é claramente apresentado, uma companhia formada por bailarinos homossexuais que assumem suas posturas homoeróticas no palco, e alguns no próprio dia a dia. As políticas culturais ético-identitárias são apresentadas como meio para reivindicação de identidades que possuem padrões de ética e identidade diferentes da heteronormatividade. Através dessas políticas culturais, sujeitos que antes eram arquétipos de estigma podem se tornar exemplos positivos.

A percepção das políticas culturais ético-identitárias como meio de posituação de identidades estigmatizadas, se deu quando estava cursando o curso de Políticas Culturais na faculdade, além de estagiar no festival de danças urbanas Rio H2K<sup>7</sup>. Na matéria, o Professor Doutor João Domingues, explicava a diferença entre dois tipos de políticas culturais, as cartográficas institucionais e as ético-identitárias. A primeira começa necessariamente no aparelho estatal, onde o estado mapeia o que seria cultura pra si e ele mesmo cria leis que promovam essas culturas, já a segunda não está necessariamente

---

6 História da sexualidade I: A vontade do Saber (FOUCAULT, 1976); História da sexualidade II: O uso dos prazeres (FOUCAULT, 1984); História da sexualidade III: O cuidado de si (1984). (Traduzido por Marcos Magno Espindola de Moura).

7 Rio H2K, traz os melhores dançarinos e coreógrafos internacionais para um grande encontro com workshops práticos e teóricos, shows, bate-papos, batalhas de dança com mais de 250 dançarinos e festas, que costumam levar o público ao delírio. Disponível em [https://www.facebook.com/rioh2k/info/?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/rioh2k/info/?tab=page_info). Acesso 30/05/2016.

ligada ao estado, mas parte necessariamente de grupos sociais que se organizam por demandas de reconhecimento.

No último dia das apresentações do Rio H2K<sup>8</sup>, o grupo Boã'z UP entrou em cena, os bailarinos se vestiam com roupas femininas e masculinas, mas todos dançavam de salto alto. Ao som de um “pot-pourri”<sup>9</sup> de músicas pop sendo finalizado com um funk carioca<sup>10</sup>, o público veio ao delírio. Nesse momento pude perceber como as políticas culturais ético-identitárias positivavam identidades estigmatizadas. Na parte do funk carioca, a música falava: “Solta essa bichona que tem dentro de você”<sup>11</sup>, ao ver o grupo performando essa música com o corpo homoerótico em cena, construí um paralelo entre a performance e o discurso que você não deve reprimir quem você é, então, percebi o papel emancipatório das políticas culturais ético-identitárias. Naquele instante, ficou claro que aquele grupo de dança pertencia a um grupo social, dos homossexuais masculinos afeminados, e que eles organizados para dançar aqueles estilos de dança positivavam a imagem deste homossexual que na nossa sociedade heteronormativa é estigmatizado.

O movimento LGBT é o um dos movimentos sociais que carrega a forma ético-identitária das políticas culturais brasileiras no século XXI. Com isso, os sujeitos que eram restringidos a determinados espaços sociais, começam a ocupar as ruas e os palcos como forma de reivindicar a sua visibilidade perante a sociedade. Como é o caso das paradas gays que acontecem em todo o país levando em algumas capitais, milhões de manifestantes a lugares simbólicos de cidades, como acontece no Rio de Janeiro (Praia de Copacabana) e em São Paulo (Avenida Paulista), promovendo assim a visibilidade de sujeitos sociais que quotidianamente são invisibilizados nesses mesmos locais.

---

8 Vídeo da apresentação do Boy'Z UP no último dia do Rio H2K. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ct-9meSalYU>. Acesso em 30/05/2016.

9 Um *pot-pourri* é um modo de executar várias músicas em uma única faixa, tocadas uma após a outra, às vezes sobrepostas. São comuns na música popular, e a maior parte são canções e não uma peça musical. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pot-pourri\\_\(m%C3%BAAsica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pot-pourri_(m%C3%BAAsica)). Acesso em 30/05/2016.

10 O funk carioca é um estilo musical oriundo das favelas do estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Apesar do nome, é diferente do *funk* originário dos Estados Unidos. Isso ocorreu, pois, a partir dos anos 1970, começaram a ser realizados bailes *da pesada*, *black*, *soul*, *shaft* ou *funk* no Rio de Janeiro. Com o tempo, os *DJs* foram buscando outros ritmos de música negra, mas o nome original permaneceu. O *funk* carioca tem uma influência direta do *miami bass* e do *freestyle*. O termo “baile *funk*” é usado para se referir a festas em que se toca o *funk* carioca. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Funk\\_carioca](https://pt.wikipedia.org/wiki/Funk_carioca). Acesso em 30/05/2016.

11 Montagem - Meu Mano Ronney (Dj Jefinho do FB). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RFPKIF7553Y>. Acesso em 13/06/2016

Esse trabalho pretende colaborar para tornar possíveis formas de se viver a masculinidade diferente das que já estão normatizadas, assim como a sexualidade que baseada na heteronormatividade, vem depredando a identidade de sujeitos homossexuais. Com isso, no segundo capítulo, este trabalho explicará o uso do termo heteronormatividade (DINIZ, 2003), para demonstrar assim, como são percebidos indivíduos masculinos com características “femininas”. Nesse sentido falarei no primeiro capítulo deste trabalho, como são tratados esses sujeitos afeminados quando não estão entre si. Finalmente no terceiro capítulo, analiso o grupo de dança Boã’z up, esse que possui apenas integrantes com as identidades sociais (GOFFMAN, 1988) homossexuais. Essas que se expressão diversamente dentro desse grupo, diferente da norma hétero que tem instituída um único padrão de comportamento. Homens com trejeitos “femininos” em relação com sujeitos heteronormativos, são tratados como indivíduos que não merecem respeito simplesmente por sua forma diferente de viver a sexualidade no corpo masculino, mesmo que esse sujeito possua sua Identidade Social heterossexual.

Com a referência da Biopolítica de Foucault, entenderemos no primeiro capítulo como o Estado, suas Instituições e a Sociedade civil normatizaram o masculino e o feminino como formas fixas de identidades sexuais e comportamentais e, como essas identidades são implementadas de forma a modificar e controlar as identidades sociais. Também analisarei como a identidade social homossexual, deteriorada pela norma hétero, passa por uma distorção da identidade de diferentes sujeitos, como por exemplo, a frase: quem anda com “veado”, “veado” é - como se alguém que possuísse uma Identidade Social heterossexual ao se tornar amigo de um homossexual “veado”, automaticamente perdesse a sua identidade hétero e assumisse a identidade homo de seu novo amigo.

Para o desenvolvimento do estudo, utilizo nos dois primeiros capítulos a metodologia de revisão bibliográfica de textos como: Estigma (GOFFMAN, 1988); História da Sexualidade I (FOUCAULT, 1976), História da Sexualidade II (FOUCAULT, 1984), História da Sexualidade III (FOUCAULT 1984), Diversidade Atrofiada (DOMINGUES 2013), Nascimento da Biopolítica (FOUCAULT 2004). No primeiro capítulo o trabalho apresenta como foi fundada nossa sociedade moderna, através dos códigos da sexualidade hétero, e como que essa forma de experiência sexual foi normatizada pelas instituições governamentais levando ao estigma outras formas de vivências da sexualidade, como a homossexualidade. No segundo capítulo observarei a relação de sujeitos heterossexuais com sujeitos homossexuais, e como que através das políticas culturais ético-identitárias esses sujeitos podem perde

sua marca de estigma, positivando suas identidades. No terceiro capítulo, gostaria primeiro de explicitar as metodologias utilizadas para a análise das histórias de vida a partir dos textos: Metodologias Qualitativas - Análise etnográfica (ESTEVES, 2011); A Ordem do discurso (FOUCAULT, 1970) e Os Relatos de Vida - Perspectiva Etnosociológica (BERTEAUX, 2005). Neste capítulo serão analisadas as histórias de vida de quatro integrantes do grupo de dança Boy'Z UP, bem como o trabalho de campo realizado nos ensaios do mesmo grupo entre os anos de 2013 e 2014.

# 1. O ESTADO E A HETEROSSEXUALIDADE COMO A SUA SEXUALIDADE LEGITIMA.

O presente capítulo analisará os textos de Foucault: Nascimento da Biopolítica<sup>12</sup> e os três volumes da História da Sexualidade<sup>13</sup>. Para isso farei uma breve trajetória sobre o pensamento de Foucault, baseado no texto: “O último Foucault e o retorno transversal aos gregos” (OLIVEIRA, 2012)<sup>14</sup>. Esse nos mostra Foucault em três fases diferentes e como essas elas se conectam por um desejo de descobrir como funcionam os sistemas que controlam os sujeitos sociais. Como na primeira fase, o livro “A ordem do discurso” (FOUCAULT, 1971), o autor está interessado na forma como a arqueologia dos discursos se produzem e reproduzem como verdadeiros; já na sua segunda fase, como observamos na primeira obra da “História da sexualidade: A vontade de saber” (FOUCAULT, 1976), o autor nos fala da vontade do saber a verdade sobre a sexualidade e de como através dos séculos, o homem branco heterossexual foi o único detentor do poder de reprodução discursos e práticas legítimas da sexualidade; e na terceira fase; “Nascimento da Biopolítica” (FOUCAULT, 1979), ele se preocupa menos com a verdade e vai a fundo na forma de vida através da filosofia, colocando em questão, a ética como um campo desvinculado da moral.

Sabemos que o primeiro período, a chamada fase arqueológica de Foucault, estão atribuídos os textos desde “Doença mental e personalidade” (1954) até “A ordem do discurso” (1971); segunda fase, a que trata das problemáticas relativas ao poder, iria desde então até o primeiro volume da “História da sexualidade” (1976); a terceira fase, quando Foucault se dedica mais a subjetividade, visando a filosofia como um estilo de vida e não tanto uma caça da verdade, é quando rediscute a ética como um campo desvinculado da moral (OLIVEIRA, Daniel Gomes. 2012. Pg.37.)

Após esta breve introdução à trajetória do pensamento de Foucault, sigo a apreciação dos textos escolhidos, para demonstrar como através da formação da nossa sociedade ocidental, a norma heterossexual tem inibido outras formas de sexualidades emergirem. Essa será feita para que possamos identificar como o Estado, suas instituições e suas práticas, através dos séculos, limitaram a vivência da

---

12 Nascimento da Biopolítica; curso ministrado por Michel Foucault, entre os anos 1978-1979, no “Collège de France”, porém o livro só fora publicado no ano de 2004, na França.

13 Histoire de la sexualité I: La volonté de savoir.(1976); Histoire de la sexualité II: L’usage des plasirs. (1984); Histoire de la sexualité III: Le souci de soi (1984).

14 Oliveira Gomes; Daniel – Doutor em literatura UFSC; Prof. Adjunto na Universidade Estadual do Centro Oeste – Paraná: O último Foucault e o retorno transversal aos gregos, 2012.

sexualidade dos sujeitos somente a sexualidade hétero, tornando as demais, desvios ou atos de perversão, pensamentos esses que são presentes até hoje em nossa sociedade moderna. Com isso, os textos de Foucault conversam entre si, quando o mesmo em todas as obras apresentadas aqui, analisa os sistemas de produção, compreensão e reprodução da verdade sobre a vida humana. Discorrendo o texto, trago o conceito de biopolítica, que segundo Foucault, é uma razão que desde o séc. XVIII procurou racionalizar as práticas governamentais impostas a uma população. Conceito esse que explica como o aparelho estatal cerceia a sociedade, isso através de seus discursos e razões que são capazes de transformar hábitos sociais em hábitos socialmente aceitos ou repugnantes, por isso esse conceito cabe muito bem para abrimos o capítulo.

... “biopolítica”: eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...Sabe-se o lugar crescente que esses problemas ocuparam desde o século XIX e que desafios políticos e econômicos eles vem constituindo até hoje. (FOUCAULT, Michel. 2004. Pg 398)

É Essa racionalidade das práticas governamentais, que desde o século XVIII fizeram com que a sexualidade fosse algo controlado utilizando o discurso que se constitui na população como saudável, higiênico e reprodutor, colocando a sexualidade hétero como discurso legítimo para a sociedade. Enquanto nesse mesmo discurso as outras formas de sexualidades foram constituídas na população como, atividades pecaminosas, anti-higiênicas e até como doenças mentais, tanto pelo próprio Estado quanto por instituições ligadas a ele, como a família: escola, medicina e igreja.

Século XVIII: Seria o começo de uma era da repressão, própria as sociedades que nós chamamos burguesas, e nós não estaríamos talvez tão emancipados desta sociedade. Nomear o sexo seria, neste momento, muito difícil e muito caro. Como si, para colocá-lo no real, teria primeiro que o reduzir ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação nos discursos, caçar coisas ditas e fora as palavras que o faz tão sensivelmente presente. (FOUCAULT, Michel. 1976. Pg. 25)<sup>15</sup>

Com isso a sociedade burguesa e o Estado criam o que Foucault chama, de “Polícia do sexo: Isso quer dizer não um rigor na proibição mas a necessidade de controlar o sexo pelos discursos úteis e

---

15 XVIII siècle: ce serait le début d'un age de repression, prope aux sociétes qu'on appellee burgeoises, et don't nous ne serions peut-être pas tout a fait affranchise. Nommer le sexe serait, de ce moment, devenu plus difficile et plus coûteux. Comme si, pour le maîtriser dans le reel, il avait fallu d'abord le réduire au niveau du langage, controller sa libre circulation dans le discours, les chasses des choses dites et éteindre les mots qui le rendent trop sensiblement present. (Traduzido por Marcos Magno Espindola de Moura).

públicos”(FOUCAULT, 1976. Pg.3. Tradução feita por mim)<sup>16</sup>. Por isso a sexualidade fica restrita as funções estabelecidas por aquelas instituições ligadas ao Estado, desqualificando as práticas que não se enquadram no seu padrão familiar e reprodutor heterossexual. Segundo Foucault esses discursos partem de regimes veridicionais ou seja, regimes que possuem um certo direito de dizer o que é ou não verdade, o que o autor chama de direito/verdade. Aplicado ao direito civil esses regimes, podem dizer que uma relação amorosa entre dois homens não é um direito/verdade mas sim direito/falso, como por exemplo; em países onde não é reconhecido pelo Estado a união estável de pessoas do mesmo sexo. No caso médico esses regimes veridicionais, segundo Foucault, é próprio de um certo direito da verdade onde o discurso hierarquizado pode determinar o que é verdadeiro ou falso, com isso os médicos puderam dizer que o desejo entre dois homens é um desvio capaz de ser concertado, ou possível de isolamento em hospital psiquiátrico por comportamento transviado.

Tratar-se-ia da genealogia de regimes veridicionais, isto é, da análise da constituição de certo direito da verdade a partir de uma situação de direito, com a relação direito/verdade encontrando sua manifestação privilegiada no discurso, o discurso em que se formula o direito e em que se formula o que pode ser verdadeiro ou falso; de fato, o regime de veridificação não é uma certa lei da verdade, [mas sim] o conjunto das regras que permitem estabelecer, a propósito de um discurso dado, quais enunciados poderão ser caracterizados, nele, como verdadeiros ou falsos. (FOUCAULT, Michel. 2004. Pg. 298).

Ainda falando sobre os regimes veridicionais, a Igreja Católica, instituição que possui um fino trato para esse regime, dita o que seria ou não verdade dentro de um conjunto de regras, promove um sistema paralelo de caça a todo discurso que seja falso, sendo esse constituído para seus fiéis como discurso pecaminoso que deve ser caçado, vigiado e punido assim que percebido. Lembrando que o bom fiel não peca, logo, o pecado seria um estado de devaneio deste cristão, desvio esse que ao se punir pode ser corrigido, quando o mesmo se arrepende do feito. Com isso, Foucault nesse trecho fala da utilidade da censura do vocabulário, para garantia da legitimidade e utilidade da Igreja.

O ministério cristão (...). O impedimento de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras do vocabulário poderiam ser mais que dispositivos secundários em relação a essa grande administração: de maneiras a torná-la aceitável e tecnicamente útil. (FOUCAULT, Michel. 1976. Pg 67).<sup>17</sup>

---

16 Police du sexe: c'est-à-dire non pas rigueur d'une prohibition mais la nécessité de régler le sexe par les discours utiles et publics.

17 La pastorale chrétienne a inscrit comme devoir fondamental la tâche de faire passer tout ce qui a trait au sexe au Moulín sans fin de la parole. L'interdit de certains mots, la décence des expressions, toutes les censures du vocabulaire pourraient bien n'être que des dispositifs seconds par rapport à ce grand assujettissement: des manières de le rendre moralement acceptable et techniquement utile.(Traduzido por Marcos Magno Espindola de Moura).

Os regimes veridicionais colocaram o homem e a mulher em opostos, onde o homem terá sua identidade limitada ao masculino e a mulher ao feminino, um sistema de oposição, onde os homens são “fortes” e “públicos” (características do masculino) e as mulheres seriam “frágeis” e “privadas” (características do feminino). Quando esses limites das identidades Masculino X Feminino são ultrapassados, por exemplo, um homem afeminado, ele é percebido como alguém que perdeu sua função sexual ativa e todas outras características da masculinidade viril, como gostar de esportes violentos, por exemplo. Como podemos observar na fala de Foucault sobre a sociedade de sua época, no texto da História da Sexualidade II,

Em uma experiência sexual como a nossa, onde uma separação fundamental opõem o masculino e o feminino, e a feminilidade de um homem é percebida como transgressão efetiva ou virtual do seu papel sexual. (FOUCAULT, Michel. 1984. Pg 87)<sup>18</sup>.

Porém o homem afeminado para Foucault pode ser a ampliação dessas identidades que estariam na forma de ver o mundo e dos seus gostos. Ou seja, o homem afeminado não necessariamente perderia todas suas características da masculinidade viril ou sua prática sexual como ativo. A linha de divisão entre um homem viril e um homem afeminado não coincide como nossa oposição entre hétero e homossexual, não se reduz tão pouco a oposição entre homossexualidade ativa ou passiva. Ela marca a diferença de atitude a respeito dos prazeres, e dos signos tradicionais desta feminilidade – preguiça, indolência, recusa de atividades um pouco rude do esporte, gosto pelos perfumes e os ornamentos, suavidade... (...). (FOUCAULT, Michel. 1984. Pg.115. Tradução feita por mim)<sup>19</sup>.

Para falarmos da normatização da heterossexualidade e da degradação das outras sexualidades, temos que falar das práticas governamentais, essas que foram responsáveis pela afirmação da família restrita ao homem, mulher e filhos. Ao mesmo tempo, essas práticas governamentais, são capazes de condenar o beijo de dois homens como atento ao pudor, ou até mesmo com a pena de morte para quem for pego em um ato homossexual. Para entender essa prática, Foucault nos dá um método que permite analisarmos tanto o lado de quem pune como o de quem é punido.

---

18 Dans une expérience de la sexualité comme la notre, où une scansion fondamentale oppose le masculin et le féminin, la féminité de l'homme est perçue dans la transgression effective ou virtuelle se son rôle sexuel.

19 La ligne de partage entre un homme viril et un homme efféminé ne coincide pas avec notre opposition entre hétero et homosexualité; elle ne se réduit pas non plus à l'opposition entre homosexualité active ou passive. Elle marque la différence d'attitude à l'égard des plaisirs; et les signes traditionnels de cette féminité – paresse, indolence, refus des activités un peu rudes du sport, goût pour les parfums et les ornements, mollesse... (...)

Isso implica imediatamente certa opção de método, sobre a qual procurarei enfim tornar um dia de maneira mais detida, mas gostaria desde já de lhes indicar que optar por falar ou a partir da prática governamental é, evidentemente, uma maneira explícita de deixar de lado como objeto primeiro, primitivo, dado, um certo número de noções, como por exemplo o soberano, a soberania, o povo, os súditos, o Estado, a sociedade civil – todos esses universais que a análise sociológica, assim como a análise histórica e a análise da filosofia política, utiliza para explicar efetivamente a prática governamental. (FOUCAULT, Michel. 2004. Pg. 246)

Essas práticas governamentais de limitação da sexualidade se devem a uma relação clara de poder, do tensionamento constante entre os sujeitos que possuem suas práticas sexuais legitimadas por um discurso soberano e sujeitos que tem suas práticas sexuais vistas pela soberania como práticas de degradação da vida em sociedade e ilegítimas. Porém, essa relação de poder não é fixa, devido ao seu incessante confronto. Isso faz com que sujeitos ou grupos em disputa se encontrem e a partir dos seus discursos distintos um possa saber a demanda do outro, ainda que a mesma seja um tabu para o outro e esse nunca venha a reconhecê-la. Todavia, somente o constante confronto nas relações de poder pode fazer com que essas relações se invertam, ou até mesmo reforcem as identidades desses sujeitos ou grupos sociais como nos mostra Foucault.

Pelo poder, ele me parece que compreende primeiro a multiplicidade de relações de força que são eminentes ao domínio onde elas se exercem, e são constitutivas de sua organização; o jogo que através de lutas e de confrontos incessantes os transformam, os reforça, os inverte, os apoia que essas relações de força encontram uns nos outros, de maneira a formar uma cadeia ou um sistema, ou, ao contrário, as mudanças, as contradições que os isolam uns dos outros; as estratégias enfim nas quais eles tomam efeito, e que o desenho geral ou a cristalização institucional tomam corpo nos aparelhos estatais, nas formulações da lei, nas hegemonias sócias. (FOUCAULT, Michel. 1976. Pg.12. Tradução feita por mim)<sup>20</sup>

Essas relações de poder instituíram, por exemplo, a única forma de acesso as “*aphrodisia*”, definição grega que Foucault define como “atos, os gestos, os contatos, que procuram uma certa forma de prazer”(FOUCAULT; Michel. 1984, p.55. Tradução feita por mim)<sup>21</sup>. E ainda segundo Foucault, seria somente através do casamento, esse claro entre homem e mulher, que os sujeitos teriam acesso as “*aphrodisia*”, “A definição de casamento como lugar exclusivo para à prática da “*aphrodisia*” abre (ou poderia abrir) sobre um conjunto de questões correlacionadas a integração, o papel, a forma e a

---

20 Par pouvoir, il me semble qu’il faut comprendre d’abord la multiplicité des rapports de force qui sont immanents au domaine où ils s’exercent, et sont constitutifs de leur organisation; le jeu qui par voie de lutttes et d’affrontements incessants les transforme, les renforce, les inverse, les appuis que ces rapports de force trouvent les uns dans les autres, de manière à former chaîne ou système, ou, au contraire, les décalages, les contradictions qui les isolent les uns des autres; les stratégies enfin dans lesquelles ils prennent effet, et dont le dessin général ou la cristallisation institutionnelle prennent corps dans les appareils étatiques, dans la formulation de la loi, dans les hégémonies sociales.

21 Les aphrodisia sont les actes, des gestes, des contacts, qui procurent une certaine forme de plaisir.

finalidade dos atos de prazer no jogo de relações afetivas ou estatutárias entre homem e mulher. (FOUCAULT; Michel.1984. Pg.235. Tradução feita por mim)<sup>22</sup>. Com isso, para se ter acesso ao prazer, é preciso casar-se, logo, o sujeito ganha o acesso à vida sexual, porém limitada a monogamia heterossexual, essa que Foucault diz ter emergido como prática governamental, nos séculos XVIII e XIX, e que se torna presente até hoje, bem como a regulação da sexualidade deste sistema heterossexual, que cria suas próprias regras internas segundo suas práticas.

A esse sistema centrado sobre a aliança legítima, a explosão discursiva dos séculos XVIII e do XIX fizeram emergir duas modificações. Primeiro um movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual. Bem como, o campo de práticas e de prazeres continua a ser ele o referido como sua regra interna. (FOUCAULT, Michel. 1976, pg.53. Tradução feita por mim)<sup>23</sup>.

O casamento é uma das instituições mais antigas de nossa sociedade pós-moderna, com ela veio também a obrigação de se casar para constituir família e assim fazer parte da sociedade dos homens. Foucault remarca essa obrigação do casamento como algo natural e que faz parte da natureza do homem, como se todos os sujeitos quisessem no mesmo impulso em que deveriam se casar. Para isso, ele nos fala dos estóicos, esses que fizeram parte de uma escola filosófica da Grécia antiga, em que para eles, o casamento criou a necessidade natural de se casar.

A obrigação de se casar é primeiro para os estóicos a consequência direta do princípio que o casamento teria sido querido pela natureza, e que o ser humano é conduzido para ele por uma impulsão que, sendo ao mesmo tempo natural e racional, é a mesma para todos. (FOUCAULT, Michel. 1984. p.207. Tradução feita por mim)<sup>24</sup>.

Essa naturalidade do casamento constatada por essa antiga escola filosófica grega, ainda presente até hoje na nossa vida social, proporcionou onde a libertação sexual dos anos 60 e fez com que algumas conquistas de lutas sociais fossem possíveis. Mas ao mesmo tempo em que a modernidade veio, o tradicionalismo a acompanhou, deixando seus resquícios até hoje. Por exemplo, essa

---

22 La définitions du mariage comme lien aussi exclusif que possible pour l'exercice des prodisia ouvre (ou pourrait ouvrir) sur un ensemble de questions concernant l'intégration, le rôle, la forme et la finalité des actes de plaisir dans le jeu des relations affectives ou statutaires entre l'homme et la femme.

23 A ce système centré sur l'alliance légitime, l'explosion discursive du XVIII et du XIX siècle a fait subir deux modifications. D'abord un mouvement centrifuge par rapport à la monogamie hétérossexuelle. Bien sûr, le champ des pratiques et des plaisirs continue à lui être référé comme à sa règle interne.

24 L'obligation de se marier est d'abord pour les stoïciens la conséquence directe du principe que le mariage a été voulu par la nature et que l'être humain est conduit vers lui par une impulsion qui, étant à la fois naturelle et raisonnable, est la même chez tous.

naturalidade sobre a necessidade do casamento entre homem e mulher como uma completude fundamental a vida social.

A naturalidade do casamento, se ele foi constatado por certas escolas filosóficas, e para os sônicos em particular, tem sido constantemente fundado sobre uma série de razões: o encontro indispensável do macho e da fêmea para a procriação, a necessidade de prolongar essa junção em uma ligação estável para assegurar a educação da prole, conjunto de recursos, comodidade e segurança que podem trazer a vida a dois, com seus serviços e obrigações, enfim a formação da família o elemento base para a cidade. (FOUCAULT, Michel. 1984, p. 202)<sup>25</sup>.

Para que a cidade fosse constituída tendo como elemento base o princípio de família monogâmica heterossexual, o Estado assim como suas instituições e seus agentes, garantiram através da racionalidade da prática governamental que esse modelo de família fosse instituído como único e verdadeiro por muito tempo. Por exemplo, só no ano de 2011 houve uma equiparação da união estável homossexual à heterossexual. Com isso, só a partir daí que o Estado brasileiro reconheceu a criação de um novo modelo de instituição familiar baseado na homoafetividade. É a partir dessa racionalidade da prática governamental, como nos explica Foucault, que permite o Estado se construir ou se cristalizar em sua própria razão, ou seja, o Estado racionalizando suas próprias práticas em razão de seus interesses governamentais.

O que eu havia tentado identificar era a emergência de um certo tipo de racionalidade na prática governamental, um certo tipo de racionalidade que permitiria regrar a maneira de governar com base em algo que se chama Estado e, em relação a esse cálculo da prática governamental, exerce a um só tempo o papel de um já dado, visto que é verdade que o que será governado é um Estado que se apresenta como já existente, que se governará nos marcos de um Estado, mas o Estado será ao mesmo tempo um objetivo a construir. O Estado é ao mesmo tempo o que existe e o que ainda não existe suficientemente. E a razão de Estado é precisamente uma prática, ou antes, uma racionalização de uma prática que vai se situar entre um Estado apresentado como dado e um Estado apresentado como a construir e a edificar. (FOUCAULT, Michel. 2004, p.6.).

Quando falo que avançamos em função da racionalização das práticas governamentais no Brasil com o “casamento gay”, temos antes que entender uma dessas racionalidades da prática estatal que possibilitou esse direito a casais do mesmo sexo. Para que a sociedade entendesse essa nova legitimação do Estado, foi preciso primeiro como diz Foucault, a sociedade entender que essa nova família não parte das mesmas práticas conjugais antigas, como o homem e a mulher e sim de outras

---

25 La naturalité du mariage, si ele était contestée par certaines écoles philosophiques, et chez les cyniques en particulier, avait été couramment fondée sur une série de raisons: la recontre indispensable du mâle et de la femelle pour la procréation; la nécessité prolonger cette conjonction em une liaison stable pour assurer l'éducation de la progéniture; l'ensemble de secours, commodités et agrément qui peut apporter la vie à deux, avec ses services et ses obligations; enfim la formation de la famille comme l'élément de base pour la cité. (Traduzido por Marcos Magno Espindola de Moura).

práticas, como dois homens ou duas mulheres. Assim, existiu uma necessidade de racionalizar a prática da tolerância para que esses casais não heterossexuais, não fossem mais vistos com as velhas racionalidades das práticas governamentais, de repressão e impossibilidade de serem constituídos legalmente. Isso para que só assim o Estado entendesse que a legislação não deveria tratar com indiferença sujeitos com diferentes orientações sexuais.

Para dizer as coisas de forma muito esquemática: nós temos tendência hoje a pensar as práticas dos prazeres, quando elas são entre parceiros do mesmo sexo, revela um desejo que a estrutura e particular, que nós admitimos – si nós <<toleramos>> isso não é uma razão para os submeter a uma moral ainda menos a uma legislação, diferente daquela que é comum a todos. (FOUCAULT; Michel. 1984, p.249. Tradução feita por mim)<sup>26</sup>.

A limitação da ideia heterossexual não dá conta das demais formas de sexualidade. Não existe segundo Foucault, mesmo sob forte pressão do Estado, como impedir o fato de outras sexualidades existirem, ele pode massificar uma sexualidade através de suas razões, porém não podem vigiar todos os sujeitos, para que impeça a emersão de outras formas de sexualidade. Neste trecho o autor nos mostra como o sexo vai muito além da heterossexualidade, adulta, matrimonial e branca, existindo assim outras formas de sexualidade, que por mais que não sejam legitimadas pelo Estado, não deixam de existir.

Não há uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e portanto de forma única sobre todas as manifestações do sexo: a ideia por exemplo, que nós geralmente procuramos, através de diferentes meios, a reduzir todo o sexo a sua função reprodutiva, a sua forma heterossexual e adulta, e sua legitimidade matrimonial, não dá conta, sem dúvida, dos múltiplos objetivos requeridos, dos múltiplos meios implementados nas políticas sexuais que nós compreendemos os dois sexos, as diferentes idades, as diferentes classes sociais (FOUCAULT; Michel. 1976, pg.136. Tradução feita por mim.)<sup>27</sup>.

Porém, as diversas formas de sexualidade não são próprias do sujeito de direito, esse que detém certos direitos naturais e que para mantê-los teria que abrir mão de outros, por exemplo, o da poligamia quando se está solteiro, porque ao se casar a mesma torna-se crime, ao menos em nosso país. Mas

---

26 Pour dire les choses de façon très schématique: nous avons tendance aujourd'hui à penser que les pratiques de Plaisir, quand elles ont lieu entre deux partenaires de même sexe, relèvent d'un désir dont la structure est particulière; mais nous admettons – si nous sommes <<tolérantes>> - que ce n'est pas une raison pour les soumettre à une morale, encore moins à une législation, différente de celle qui est commune à tous.

27 Il n'y a pas une stratégie unique, globale, valant pour tout la société et portanto de façon uniforme sur tout les manifestations du sexe: l'idée, par exemple, qu'on a souvent cherché, à travers différents moyens, à redire tout le sexe à sa fonction reproductrice, à sa forme hétérosexuelle et adulte, et à sa légitimité matrimoniale, ne rend pas compte, sans doute, des multiples objectifs visés, des multiples moyens mis en œuvre dans les politiques sexuelles qui ont concerné les deux sexes, les différents âges, les diverses classes sociales.

tornando-se casado, adquire-se um direito civil, título simbolicamente de sujeito respeitável, uma ascensão social. Porém, se esse sujeito de direito, casado, comete poligamia, ele se torna um transgressor, um segundo sujeito de direito, e nessa tensão dos dois sujeitos de direito, que são constituídas a lei e a proibição, segundo Foucault.

Ou seja, o sujeito de direito é por definição um sujeito que aceita a negatividade, que aceita a renúncia de si mesmo, que aceita, de certo modo, cindir-se e ser, num certo nível, detentor de um número de direitos naturais e imediatos e, em outro nível, aquele que aceita o princípio de renunciar a eles e vai com isso se constituir como um outro sujeito de direito superposto ao primeiro. A divisão do sujeito, a existência de uma transcendência do segundo sujeito em relação ao primeiro, uma relação de negatividade, de reúncia, limitação entre um e outro, é isso que vai caracterizar a dialética ou a mecânica do sujeito de direito, e é aí, nesse movimento, que emergem a lei e a proibição. (FOUCAULT, Michel. 2004. p. 374).

### **1.1 A Legitimação Da Heterossexualidade Pela Economia.**

Nesta parte do trabalho, será analisado como a economia através de seus regimes veridicionais, esses que reafirmam o conjunto de regras da sexualidade hétero como útil e legítima para sociedade de consumo. Para isso Foucault nos fala como a teoria econômica é produtora de verdade, através do mercado que determina o que tem ou não valor, e qual seria o seu preço. Com isso, esse regime de mercantilização da vida humana, produz uma hierarquia de quem pode ou não comprar, de quem entra e sai de determinados lugares. Tal teoria para afirmar valores e determinar preços, utiliza-se de instituições como: Igreja, família, Estado, sociedade civil e sexualidade, como meios de produção e reprodução das verdades criadas e reguladas pela própria teoria econômica em favor do mercado.

A importância da teoria econômica - quero dizer, dessa teoria que foi edificada no discurso dos economistas e se formou na cabeça deles -, a importância dessa teoria da relação preço-valor vem precisamente do fato de que ela possibilita que a teoria econômica indique uma coisa agora vai ser fundamental: que o mercado deve ser revelador de algo que é como uma verdade. (FOUCAULT, Michel. 2004. p.44).

Como reguladora da vida humana através de seus regimes de verdade, a teoria econômica no campo da sexualidade produz um discurso fundamentado na utilidade. Por exemplo, a sexualidade somente como atividade reprodutora, pois então só família heterossexual é capaz de gerar uma prole legítima, com isso seus filhos serão criados dentro da conduta certa, virarão mão de obra e consumidores no futuro, fortalecendo assim o mercado. É no casamento heterossexual e monogâmico que a economia do prazer ganha o princípio de utilidade na teoria econômica, como atividade

reprodutora de mão de obra e consumo. A sexualidade apropriada pela teoria econômica para legitimar o casamento, resulta na admissão ou exclusão de alguns prazeres, dentro dos excluídos estão os prazeres homossexuais já que esses não seriam capazes da reprodução natural.

O fato, é que devemos reconhecer que mesmo na forma de reflexão onde o casamento ocupa um lugar importante, a economia dos prazeres na questão matrimonial é tratada com extrema intimidade. O casamento, nessa moral rigorosa que é professada por alguns, demanda o monopólio dos prazeres que serão admitidos, e quais outros excluídos. (FOUCAULT, Michel. 1984. Pg.235.)<sup>28</sup>.

A homossexualidade no sistema de produção de verdade da teoria econômica é condenada, assim como a prática da sexualidade na infância e na velhice, por uma norma de desenvolvimento sexual produzida pelo Estado e institucionalizada na sociedade como anormal. Os juristas, como nos explica Foucault no trecho abaixo da sua obra *Historia da Sexualidade I*, transformam essas práticas não legitimadas pelo desenvolvimento sexual, em práticas criminosas, bem como os médicos que classificam algumas práticas como doenças mentais. Esses profissionais, mais que os moralistas, possuíam discursos de abominação das práticas sexuais não normativas.

Porque essa configuração do sexo não é ordenada a uma forma de caça da realidade das formas de sexualidade que não submissas à economia estrita da reprodução: dizer não as atividades infecundas, colocar o prazer de lado, reduzir ou excluir as práticas que não tem por fim a prole? Através de tantos discursos, multiplicamos as condenações judiciais das pequenas perversões, nos anexamos à irregularidade sexual a doença mental; da infância à velhice, nos definimos uma norma do desenvolvimento sexual e caracterizado com todo cuidado aos desvios possíveis; Temos organizados os controles pedagógicos e das curas medicinais, em torno de menos fantasias, os moralistas, mas também e sobretudo os médicos enfatizaram todo o vocabulário enfático de abominação. (FOUCAULT., Michel. 1976. Pg.50. Tradução feita por mim.)<sup>29</sup>

Essas formas de sexualidades que não se enquadram na norma do desenvolvimento sexual, tem sua exclusão primeira na “razão governamental”, onde o cuidado e o desvio fundam essa norma do desenvolvimento sexual “(...) “razão governamental”, isto é, dos tipos de racionalidade que são postos

---

28 En fait, on doit reconnaître que même dans les formes de réflexion où le mariage occupe une place importante, l'économie des plaisirs dans le rapport conjugal est traitée avec une extrême réserve. Le mariage, dans cette morale rigoureuse qui est professée par certains, demande le monopole du plaisir y seront admis, et quels autres exclus. (Traduzido por Marcos Magno Espindola de Moura).

29 Car cette mise en discours du sexe n'est-elle pas ordonnée à la tâche de chasser de la réalité les formes de sexualité qui ne sont pas soumises à l'économie stricte de la reproduction: dire non aux activités infécondes, bannir les plaisirs d'un côté, redire ou exclure les pratiques qui n'ont pas pour fin la génération? A travers tant de discours, on a multiplié les condamnations judiciaires des petites perversions; on a annexé l'irrégularité sexuelle à la maladie mentale; de l'enfance à la vieillesse, on a défini une norme du développement sexuel et caractérisé avec soin toutes les déviances possibles; on a organisé des contrôles pédagogiques et des cures médicales, autour des moindres fantaisies, les moralistes, mais aussi et surtout les médecins ont ramassé tout le vocabulaire emphatique de l'abomination.

em ação nos procedimentos pelos quais a conduta dos homens é norteada por meio de uma administração estatal.” (FOUCAULT; Michel. Nascimento da biopolítica, 2004, p.437, pp2). Isso porque as outras práticas sexuais destoam da construção do capital humano, esse que os neoliberais enquadraram na relação familiar hétero, onde a mãe é a condutora de sua prole e deverá fazer com os seus filhos sejam bem educados e alimentados, em função de uma boa formação de capital humano.

Na análise que eles fazem do capital humano, como vocês se lembram, os neoliberais procuravam explicar, por exemplo, como a relação mãe e filho, caracterizada concretamente pelo tempo que a mãe passa com o filho, pela qualidade dos cuidados que ela lhe dedica, pelo afeto de que ela dá prova, pela vigilância com que acompanha seu desenvolvimento, sua educação, seus progressos, não apenas escolares mas físicos, pela maneira que não só ela o alimenta, mas como ela estiliza a alimentação e a relação alimentar que tem com ele – tudo isso constitui, para os neoliberais, um investimento que vai constituir o quê? Capital humano, o capital humano da criança, capital esse que produzirá renda. (FOUCAULT; Michel. 2004. Pg.334.)

O capital humano reproduz a oposição da mulher cuidadora e do homem trabalhador, com capacidades físicas diferenciadas pelo seu sexo, essas capacidades são constituídas na sociedade como identidade masculina e feminina, tal afirmação de papéis sociais é instituída como verdade desde a Grécia Antiga, passando pelos absolutismos europeus dos séculos XVI, XVII e XVIII, até o começo da construção da modernidade no século XIX. É o homem quem tem o direito ao público, é ele quem trabalha fora, e no oposto é a mulher que deverá cuidar da prole, dos trabalhos domésticos e além de cuidar do marido mais do que dos outros, já que é ele o provedor do lar. Essa distinção da função dos sexos produz traços de personalidade diferenciados, não pelas experiências próprias dos sujeitos, mas por um sistema de verificação que diz, como o homem trabalha fora, ele tem mais habilidade e competência para exercer essas tarefas. Em contraponto, a mulher seria meiga e doce, habilidades essas que fariam as tarefas domésticas parecerem mais apropriadas para elas, como nos mostra Foucault.

Os traços físicos: os homens ao ar livre devem <<arar, semear, plantar, fazer quase uma batalha>> , eles são capazes de suportar o frio, o calor, a caminhada, as mulheres trabalham em casa, tem corpos menos resistentes. Também dos traços característicos as mulheres tem um medo natural, mas que tem efeitos positivos, elas o transformam e sentimento de previsão, a temer uma perda, elas reduzem as despesas; o homem ao contrario, é brabo, porque do lado de fora ele deve se defender contra tudo o que poderia lhe acontecer de ruim. (FOUCAULT; Michel. 1984. Pg 194. Tradução feita por mim)

Além das formas de distinção entre masculino e feminino produzida pela instituição do casamento através da utilidade da sexualidade hétero como forma reprodução de capital humano, a medicina como sistema veridicional produz um discurso sobre a reflexão sobre si mesmo, para uma vida de bem-estar, saudável e com longevidade. Para isso é preciso seguir regras, essas que o sistema

medicinal institui com forma de dependência desse mesmo sistema. Por exemplo: quem está doente, vai ao médico e o mesmo passa um medicamento e determinadas regras para que o sujeito se cure, não sozinho, mas sim, seguindo o sistema medicinal. Na sexualidade esse sistema veio de prima, no começo do século XIX, a regular a sanidade, de forma que práticas sexuais não legitimadas como a homossexual, eram reconhecidas como desvios ou práticas insanas, capazes de hospitalizar um homossexual por comportamento desviante ou até criminoso. Para a mudança desse sistema de produção e reprodução de verdades sobre a vida humana, Foucault nos fala que devemos repensar a relação de dependência que temos com o sistema medicinal, e também sobre a autoridade dos médicos.

Ela deve também, sobre a forma de um corpo de saber e de regras, definir uma maneira de viver, um modo de relação de reflexão sobre si, sobre seu corpo, para a alimentação, a velhice e o sono, as diferentes atividades e o desenvolvimento. A medicina tinha a propor, sobre a forma de regime, uma estrutura voluntária e racional de conduta. Um dos pontos de discussão do grau e da forma de dependência que essa vida, medicinal armada, deve se manifestar em relação à autoridade dos médicos. (FOUCAULT; Michel. 1984. Pg. 136. Tradução feita por mim.)<sup>30</sup>

Assim com a autoridade da medicina junto às práticas governamentais, o Estado pode institucionalizar a sexualidade hétero na sociedade moderna, através da redução das sexualidades em uma única forma, “Dizemos geralmente que a sociedade moderna tem tentado a reduzir a sexualidade ao casal \_ ao casal heterossexual e sempre que possível legítimo.” (FOUCAULT; Michel. Historia da Sexualidade I, 1976, p.62, pp2. Tradução livre)<sup>31</sup>. Com a legitimação da heterossexualidade e a degradação das outras sexualidades, os sistemas veridícionais como o medicinal, psicológico e outros transmitiram suas verdades à sociedade, segundo Foucault a partir da caracterização de certos termos. Podemos observar na análise que o autor faz sobre a construção do termo homossexualidade através da intervenção sobre si mesmo, utilizando um trecho do texto de Westphal 1870.

Não se deve esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica, médica da homossexualidade se constitui a partir do dia em que a caracterizamos – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as << sensações sexuais contrarias >> podem validar como data de nascimento – menos por um motivo de relações sexuais que por uma certa maneira de intervir em si mesmo o masculino e o

---

30 Elle devait aussi, sous la forme d'un corpus de savoir et des règles, définir une manière de vivre, un mode de rapport réfléchi à soi, à son corps, à la nourriture, à la veille et au sommeil, aux différentes activités et à l'environnement. La médecine avait à proposer, sous la forme du régime, une structure volontaire et rationnelle de conduite. Un des points de discussion touchait au degré et à la forme de dépendence que cette vie, médicalement armée, devait manifester à l'égard de l'autorité des médecins.

31 On dit solvante que la société moderne a tenté de réduire la sexualité au couple – au couple hétérosexuel et autant que possible légitime

feminino. 1. Westphal, Archiv für Neurologia 1870. (FOUCAULT; Michel. 1976. Pg. 59. Tradução feita por mim.)<sup>32</sup>

No texto Nascimento da Biopolítica, Foucault nos fala da economia de bem-estar, e como através de uma política social, logo partindo do Estado, o consumo de certos sistemas de verificação, como o caso do sistema medicinal, é instituído como consumo socializado.

Segundo, sempre uma economia de bem-estar, concebe-se que a política social deva ter por principal instrumento o que? Pois bem, uma socialização de certos elementos de consumo: o aparecimento de uma forma do que se chama consumo socializado ou consumo coletivo: consumo médico, consumo cultural, etc. (FOUCAULT; Michel. 2004. Pg. 195.)

O Estado a serviço da economia trata o trabalhador como máquina, para que ele possa produzir e consumir esses produtos de “consumo coletivo” em uma escala proporcional ao seu tempo útil, quanto mais produz, mais ganha, mais consome. A não ser em certo caso, como o consumo médico que com o avanço da idade e a “inutilidade da máquina”, a produção cai, o salário também, porém o consumo médico tende a aumentar. Logo os sistemas de verdade são instituídos não só pelas instituições próprias, mas contam com o ajuda do Estado para que eles sejam legitimados, com isso fazendo partes das agendas, planos e calendários governamentais.

De modo que se deve considerar que a máquina constituída pela competência do trabalhador, a máquina constituída, digamos, por competência e trabalhador individualmente ligados vai, ao longo de um período de tempo, ser remunerada por uma série de salários que, para tornar o caso mais simples, vão começar a sendo salários relativamente baixos no momento em que a máquina começa a ser utilizada, depois vão aumentar, depois vão diminuir com a obsolescência da própria máquina ou o envelhecimento do trabalhador na medida em que ele é uma máquina. (FOUCAULT; Michel. 2004. Pg. 309).

O Estado e o mercado. Além dessa relação ter gerado o “homem máquina”, produziu também o “homem do consumo” que segundo Foucault é consumidor na medida em que é produtor, afim da sua própria satisfação, “O homem do consumo, na medida em que consome é produtor. Produz o quê? Pois bem, produz simplesmente sua própria satisfação.” (FOUCAULT; Michel. Nascimento da biopolítica,

---

32 Il ne faut pas oublier que la catégorie psychologique, psychiatrique, médicale de l’homosexualité s’est constituée du jour où on l’a caractérisée – les fameux article de Westphal em 1870, sur les <<sensations sexuelles contraires>> peut valor comme date de naissance<sup>1</sup> - moins par um type des relations sexuelles que par une certaine manière d’intervertir en soi-même le masculin et le féminin. 1. Westphal, Archiv für Neurologie, 1870.

2004, p.311). Assim como para entendermos como o Estado institui verdades na vida em sociedade através de sistemas como a: economia, sexualidade, mercado, casamento e o sistema medicinal, Foucault nos mostra uma reflexão sobre o Estado, e de como através de sua construção ele institui as verdades daqueles sistemas, a partir das suas práticas de governabilidade múltiplas. Logo o autor nos propõe o Estado não como princípio, mas como uma fonte autônoma de poder, porém partindo de suas práticas de governabilidade e das relações de poder nele fundadas.

O Estado não é em si uma fonte autônoma de poder. O Estado nada mais é que o efeito, o perfil, o recorte móvel de uma perpétua estatização, ou de perpetuas estatizações, de transações incessantes que modificam, que deslocam, que subvertem, que fazem deslizar insidiosamente, pouco importa as fontes de financiamento, as modalidades de investimento, os centros de decisão, as formas e os tipos de controle, as relações entre autoridades locais, a autoridade central, etc. Em suma, o Estado não tem entranhas, como se sabe, não só pelo fato de não ter sentimentos, nem bons nem maus, mas não tem entranhas no sentido de que não tem interior. O Estado não é nada mais que o efeito móvel de um regime de governabilidades múltiplas. É por isso que eu me proponho analisar essa angustia do Estado, essa fobia do Estado, que me parece um dos traços característicos de certas temáticas correntes na nossa época. Ou antes, proponho-me retomá-la e testá-la, mas sem procurar arrancar do Estado o seu segredo, trata-se de passar para o lado de fora e interrogar o problema do Estado, de investigar o problema do Estado a partir das práticas de governabilidade. (FOUCAULT; Michel. Nascimento da Biopolítica, 2004, p.106, pp1).

Ao falarmos da construção do Estado temos que principalmente falar da sociedade civil, essa que é um pilar fundador e se coloca em constante confronto com o primeiro, segundo Foucault “É a sociedade, o conjunto dos indivíduos ligados entre si por um vínculo jurídico e político.” (FOUCAULT, 2004). A sociedade também se liga a economia num sistema de produção e troca através da racionalização das práticas governamentais, como por exemplo o sistema jurídico como podemos ver na construção reflexiva feita por Foucault sobre a sociedade civil.

A sociedade civil é, a meu ver, um conceito de tecnologia governamental, ou antes, é o correlativo de uma tecnologia de governo cuja medida racional deve indexar-se juridicamente a uma economia entendida como processo de produção de troca. (FOUCAULT; Michel. Nascimento da Biopolítica, 2004, p. 402).

Para melhor entendermos a relação sociedade civil e economia trago um trecho escrito por Foucault, sobre a formalização da sociedade baseada no modelo de empresa, na qual a sociedade assim como as empresas deve se multiplicar para a manutenção deste sistema, na medida em que cresce a sociedade, cresce o consumo e logo aparecem os lucros para as empresas. Além disso, para o crescimento da sociedade civil, o casamento continuou sendo uma garantia legítima do crescimento da mesma, e conseqüentemente responsável pelos lucros das empresas.

De um lado, a formalização da sociedade com base no modelo da empresa – e eu lhes indiquei a importância, sobre a qual tornarei mais tarde, dessa noção de empresa (seria preciso fazer dessa noção toda uma história, ao mesmo tempo econômica, histórica, social, do empresário e da empresa, com toda derivação de um ao outro desde o fim do século XIX até o meado do século XX) -; formalização portanto da sociedade com base no modelo empresa. E o segundo aspecto é aquele que gostaria de lhes falar hoje: a redefinição da instituição jurídica e das regras de direito necessárias numa sociedade regulada a partir e em função da economia concorrencial de mercado; ou seja, *grosso modo*, o problema do direito. (FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica, 2004, p. 222, pp2).

O casamento segundo Foucault é uma instituição que se tornou mais geral como prática e com essa universalidade heterossexual, os casais acabam ficando isolados, assim como as empresas que pertencem a nichos de produção na sociedade. Nesse sentido, existiriam os nichos sociais, como “O casamento se tornou mais geral como prática, mais público como instituição, mais privado como modo de existência, mais forte por ligar os cônjuges e logo mais eficaz para isolar o casal no campo de outras relações sociais.” (FOUCAULT; Michel. Histoire de la sexualité III, p.106, pp2. Tradução: Maria Tereza da Costa Albuquerque)<sup>33</sup>.

Com as práticas governamentais ligadas à economia, o sistema jurídico e de direito se modificam, segundo as especificidades de concorrência de mercado e das necessidades sociais dominantes, deixando de lado as individualidades de diferentes sujeitos em função do lucro e do bem estar social. Com isso, como observaremos no próximo capítulo, para que esses sujeitos marginalizados por essas práticas e razões estatais tenham seus direitos ampliados na relação com sujeitos legitimados, às políticas culturais de identidades emergem como forma de positivar as identidades deterioradas por sujeitos dominantes.

---

33 Le mariage deviendrait plus general comme pratique, plus public comme institution, plus privé comme mode d'existence, plus fort pour lier les conjoints et donc plus efficace pour isoler le couple dans le champ des autres relations sociales.

## 2. O SUJEITO HOMOERÓTICO COMO IDENTIDADE ESTIGMATIZADA PELA HETERONORMATIVIDADE.

Este capítulo pretende analisar as formas de reivindicação de sujeitos homoerótico, para que assim possamos ressignificar essas formas, de modo que elas percam a marca de estigma, e possam ser reconhecidas como uma identidade possível e não mais estigmatizada. Estigma esse que em um caso extremo segundo Goffman (1988)<sup>34</sup>, pode reduzir o sujeito a uma pessoa sem qualidades, como por exemplo, um sujeito que tem sua homossexualidade percebida por outros que não são, deixando de ser visto como um ser humano total, ele é apenas reduzido a sua sexualidade, esta que é condenada por sujeitos heteronormativos.

Assim deixamos de considerá-lo uma criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (GOFFMAN, Erving. Estigma, 1988, p.12).

Sujeitos heteronormativos são sujeitos que tem a heterossexualidade como única e normal forma de se viver a sexualidade, como é explicado por Michael Warner (1993), no artigo do Dr. Rogério Diniz Junqueira<sup>35</sup>:

Por meio da heteronormatividade observa, Michael Warner (1993), a heterossexualidade (e acrescente-se: pensada invariavelmente no singular, embora seja um fenômeno plural) é instituída e vivenciada como única possibilidade legítima (e natural) de expressão identitária e sexual. As homossexualidades tornam-se: desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade, pecado. (JUNQUEIRA, Rogério 2007b, p. 10)

As identidades serão entendidas nesse trabalho segundo Goffman, que distingue Identidade Social Virtual da Identidade Social Real.

Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas demandas feitas “efetivamente”, e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial – uma caracterização “efetiva”, uma *identidade social virtual*. A categoria e atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua *identidade social real*. (GOFFMAN., Erving. Estigma, 1988; pg 12).

---

34 Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. (GOFFMAN; Erving, 1988).

35 Dr. Rogério Diniz Junqueira: Doutor em Sociologia das Instituições Jurídicas e Políticas (Universidades de Milão e Macerata - Itália).

Assim a identidade social virtual de um homossexual, seria todo o estereótipo que se sabe sobre um: afeminado<sup>36</sup> e passivo, por exemplo. Já sua identidade social real, seria como ele é de fato: se ele é efeminado ou não, passivo ou não – levando em conta a forma como o indivíduo se apresenta não em pressupostos.

O corpo homoerótico é constituído de símbolos femininos incorporados por um corpo masculino, esse que de forma natural ou propositalmente, pode ter maiores características masculinas ou femininas. Esse corpo tem outras referências além das heteronormativas, como por exemplo, um garoto de dezesseis anos que tenta repetir as coreografias da sua cantora favorita, este que interpreta a mesma em frente ao espelho escondido de seus pais. No Texto de Rogério Diniz Junqueira, o autor desconstrói essa ideia fixa de masculinidade e feminilidade citando Vron Ware (2004).

Como lembra Vron Ware (2004, p289), não se trata tanto de identificar significados fixos das imagens de masculinidades e feminilidades racialmente codificadas, mas atentar-se para a inter-relação entre tais construções e os modos como discursos sobre a produção e a significação de diferenças culturais se articulam à supremacia masculina, branca e heterossexual. (DINIZ Junqueira; Rogério. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas, 2013. Pg. 12).

Esses ideais fixos são na verdade, o que deprezam indivíduos que não os tem como discurso. Já que fixos aqueles determinam normas e regras restritas de comportamentos masculinos e femininos, colocando a margem homens afeminados. E como são identificados esses sujeitos estigmatizados? Segundo Goffman:

As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos que nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social (GOFFMAN, Erving; Estigma, 1988, p.12).

Logo quando um homem efeminado é apresentado a um grupo no qual, ele seja o único com essa característica, os outros membros logo perceberam essa singularidade e podem o tratar de forma violenta. Como por exemplo, um jogador de futebol que com trejeitos ditos femininos, é insultado pela torcida do time adversário, por conta da sua *identidade social virtual* (GOFFMAN 1988). Esse foi o

---

36 Adj. Que deixou de possuir as maneiras viris; que não possui modos considerados másculos. Disponível em <http://www.dicio.com.br/afeminado> . Acesso em 13/06/2016.

caso do jogador Richalysson que no dia 05/06/2013, quando jogava pelo clube Atlético Mineiro o jogador foi chamado de “veado” pela torcida do Vasco<sup>37</sup>.

Com isso “O individuo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão” (GOFFMAN; Erving. Estigma, 1988, p.23). E se o estigmatizado for conhecido de alguém do grupo? E se sua biografia for desconhecida, como se dará a aproximação? O autor nos diz que se ele for conhecido, será encarado com naturalidade por aquele que o conhece, e com certa naturalidade pelos outros, já que um deles “normais” o conhece. Se sua biografia for desconhecida será encarado como um completo estranho à normalidade.

A identidade pessoal, assim como a identidade social, estabelece uma separação, para o individuo, no mundo individual das outras pessoas. A divisão ocorre, em primeiro lugar, entre os que conhecem e os que não conhecem. Os que conhecem são aqueles que têm uma identificação pessoal do individuo; eles só precisam vê-lo ou ouvir seu nome para trazer a cena essa informação. Os que não conhecem são aqueles para quem o individuo é um perfeito estranho, alguém cuja biografia pessoal não foi iniciada. (GOFFMAN; Erving. 1988, Pg.77).

Na sociedade de consumo o herói perde o Olimpo grego e ganha as capas de revistas, o ideal de herói permanece como alguém intocável, mas agora com endereços milionários expostos na mídia, como por exemplo, jogadores de futebol, cantoras e atores. As referências de identidades homoeróticas analisadas nesse trabalho estão mais próximas desse herói moderno, como as cantoras de pop (Madonna, Britney Spears e Beyoncé). Essas que são referências de identidades para alguns homossexuais, no entanto, são preteridas por outros, as vezes, só pelo fato de caracterizarem o estereótipo da *identidade social virtual* (GOFFMAN, 1988) dos homossexuais.

Porém há homossexuais que tem sua identidade social virtual aparentemente heterossexual, como diz na revista francesa Hétéroclite nº81 de setembro de 2013, que é distribuída gratuitamente nas cidades francesas de Lyon; Saint-Étienne e Grenoble. Nesta categoria descrita pela publicação, os homossexuais franceses estão cada vez mais se vestindo como “Hipsters”, essa que seria uma forma de se vestir misturando o estilo Hippie com o Urbano moderno. E assim esses homossexuais se parecem com os héteros, deixando sua identidade social real conhecida apenas por aqueles que o conhecem e sabem de sua homossexualidade. Esse é um exemplo que podemos aplicar aos homossexuais dos

---

37 Em partida de futebol o jogador Richarlyson, que é reconhecido por seu jeito efeminado, é chamado de forma hostil de veado, pela torcida adversária. Disponível em <http://vasconoticias.com.br/noticias/richarlyson-foi-chamado-de-veado-por-vascainos-no-estadio.html>. Acesso em 14/06/2016.

bairros da zona sul do Rio de Janeiro, que não tem mais como padrão somente o corpo homoerótico, mas também, esse que se assemelha a sujeitos heterossexuais.

O fato é avassalador e ainda bem real: uma grande parte dos gays se tornaram “hipsters” e parecem com qualquer heterossexual... Eles escutam o que eles acreditam ser música independente, tem óculos de nerd cor de maçã verde, uma barba por fazer...Eles se tornaram assim verdadeiros pequenos hétéros (OPHOBE, Guillaume. Revista Francesa; Heteroclite. Tradução feita por mim<sup>38</sup>)

Sujeitos homossexuais possuem uma imagem fixa? Diferentemente de sujeitos heterossexuais, que tem suas práticas restritas e vigiadas por eles mesmos, a homossexualidade em fuga dessa norma hétero, não deve estabelecer regras e padrões imutáveis. A vivência da homossexualidade vai fazer com que cada indivíduo segundo sua experiência e suas referências, a viva de maneira singular, tornando fluído o estereótipo existente. Como podemos observar no exemplo abaixo.

Ele não se parecia nem um pouco com a imagem de um popular de um homossexual, pois era de boa compleição, viril e estava sobriamente vestido. Isso era algo novo para mim. Embora eu estivesse perfeitamente preparado para admitir que poderia haver amor entre homens, sempre senti uma repulsa pelos homossexuais declarados que havia encontrado, devido a futilidade, sua maneira afetada e sua tagarelice sem fim. (GOFFMAN; Erving. 1988. Pg.49).

O sistema binário e hierarquizado, Homem x Mulher, tem mecanismo de diferenciação social para os distintos sexos. Enquanto a biologia se preocupa com o sexo dando a terminologia binária macho X fêmea, nas práticas sociais os termos se modificam para Masculino X Feminino, é importante ressaltar que embora haja a mudança de nomenclaturas tais termos não perdem suas distinções biológicas quando aplicado ao social. Se para a biologia o macho é quem possui o pênis e a fêmea a vagina, nas práticas sócias existirão determinadas ações do universo do masculino e feminino - vestuário masculino x vestuário feminino, banheiro masculino X banheiro feminino. Esse sistema binário é também aplicado por indivíduos homossexuais, esses abandonam as nomenclaturas masculino e feminino, determinadas pelas práticas sociais do homem e da mulher, e trazem as práticas

---

38 Le constat est accablant et pourtant bel et bien reel: une grande partie des gays sont devenus des “hipsters” et ressemblent donc à n’importe quel hétérossexuel.... Ils ecountent de la musique qu’ils croient indé, portent des lunettes de geek vertes pomme, une barbe éparsée...Ils deviennt ainsi de vrais petits hétéros (Magazine HÉTÉROCLITE n°81 ed. 09/2013,p. 22. Article: Pourquoi les gays deviennt-ils des hipsters? Autour: Pr Guillaume Ophobe –spécialiste des questions LGBT).

sexuais como novo sistema binário: ativo x passivo. Onde o ativo seria o “masculino”, quem realizaria a penetração enquanto o passivo seria o “feminino”, quem seria penetrado.

Este novo sistema binário, se distingue dos outros por suas práticas, porém não da hierarquia dos sistemas antigos. O homem seria forte, quem tem decisões a tomar, no entanto a mulher seria meiga, doce e complacente as decisões do homem. No sistema ativo x passivo, o ativo ocuparia o lugar do masculino enquanto o passivo o lugar do feminino, permanecendo assim a hierarquização homem x mulher. Essa diferenciação de sistemas está para além das distinções de práticas sócias dos indivíduos, esta distinção está mais interessada na reafirmação das identidades sociais virtuais (GOFFMAN 1988), identidades essas que foram e são construídas de estigmas criados por esses sistemas binários. Neste trecho Goffman nos traz uma possibilidade de construção das identidades sociais virtuais sem que o estigma seja o primeiro fator de constituição delas, todavia que de primeira seja questionado sobre como esse estigma foi construído pela imagem da identidade social virtual dos dominantes.

Além dos símbolos de prestígio e dos símbolos de estigma, pode-se achar outra possibilidade, ou seja, um signo que tende – real ou ilusoriamente – a quebrar uma imagem, de outra forma coerente, mas nesse caso numa direção positiva desejada pelo ator, buscando estabelecer nova pretensão mas lançar serias duvidas sobre a validade da identidade virtual. (GOFFMAN, Erving. 1988. Pg.49)

Com isso as identidades sociais virtuais de ativo x passivo, perderiam seus sentidos para a sociedade, e a identidade social real do casal só faria sentido aos mesmos. Claro, caso o casal reproduzisse esse sistema binário, tanto nas suas relações sexuais, quanto nas suas práticas sociais. Fazendo assim com que as formas de homossexualidade pecam as marcas de estigma, e possam ser tornar identidades sociais virtuais não estigmatizadas. Para que qualquer sujeito homossexual não tenha vergonha de suas práticas, ou mesmo as tenham que esconder, como observaremos no relato de um homossexual à Goffman (1988), que diz temer que seus pais descubram sua primeira relação homossexual.

(Sua primeira experiência homossexual) lhe trouxe algum transtorno posteriormente? perguntei. Oh! Não. Só fiquei preocupado de alguém descobrir. Tinha medo de que minha mãe e meu pai pudessem dizê-lo só de me olhar. Mas eles agiram como de costume e comecei a me sentir confiante e seguro novamente. (GOFFMAN, Erving. 1988 Pg. 92)

Logo, podemos observar nesta parte do estudo sobre a identidade social virtual homoerótica, que estigmatizada pela normatização da identidade social virtual heterossexual, impossibilita o

reconhecimento de outras identidades através de seu mau julgamento sobre as primeiras. Com isso, sujeitos heteronormativos masculinos, perseguem e punem qualquer outra forma de representação do masculino que não esteja adequado à norma hétero. Para que essas diferentes formas de masculinidades sejam reconhecidas tem que haver um diálogo, não que não exista, porém temos um diálogo hierarquizado, onde tem o certo e o errado. Este que se reproduz nas práticas sociais por exemplo, em uma escola quando um garoto possui uma identidade masculina, essa adequada a norma hétero que deve ser vigiada e mantida no corpo por esses mesmos sujeitos, teria uma tendência a reprimir ou se afastar de garotos que possuem outras formas de identidade masculina, como os “afeminados”. Como um garoto que goste de brincar de boneca e não de futebol, seja motivo de chacota entre os colegas de classe.

Logo, esse diálogo de sujeitos que possuem distintas formas de viver a masculinidade, poderia ser feito como propõe Boaventura de Souza Santos (2003)<sup>39</sup> através do diálogo de hermenêutica diatópica. Em um diálogo de reconhecimento mútuo da diferença, sem que essa seja estigmatizada por formas dominantes, mas um diálogo horizontalizado, onde sujeitos héteros não se sobreponham os sujeitos homossexuais. Mas um diálogo que amplie as formas de reconhecimento pela diferença, fazendo com que os sujeitos possam ter o igual direito de ser diferente.

Trata-se de uma prática de interpretação e de tradução entre culturas do diálogo entre culturas por intermédio da qual se amplia a consciência da incompletude de cada cultura envolvida no diálogo e se cria a disponibilidade para a construção de formas híbridas de dignidade humana mais ricas e mais amplamente partilhadas. (SOUSA, Santos; Boaventura. 2003. Pg. 56)

## **2.1 A Política Cultural ético-identitária como possibilidade de reconhecimento das identidades homoeróticas.**

Trabalharemos nesta parte do estudo com o conceito de Políticas Culturais Ético-identitárias, formulado na tese do Dr. João Domingues<sup>40</sup>, como forma de reconhecimento das identidades homoeróticas, essas que são deterioradas pela norma hétero. Segundo João Domingues essa forma de política cultural visa:

---

39 Reconhecer para libertar: Os caminhos do cosmopolismo multicultural (SOUSA Santos; Boaventura, 2003).

40 A DIVERSIDADE ATROFIADA: políticas de regulação urbana e movimentos culturais insurgentes na cidade do Rio de Janeiro; 2013. (DOMINGUES, João; Doutor em Planejamento Urbano e Regional; pelo prog. de pós-graduação em planejamento urbano e regional da UFRJ).

(...)Trabalhar com a concepção de políticas culturais de maneira mais ampliada reconhecendo a multidimensionalidade de experiências urbanas e a ampla de esferas públicas que constroem a cidadania. (DOMINGUES. João. 2013. Pg 31.)

Com isso, sujeitos homoeróticos que possuem diferentes experiências de cidadania, podem se tornar identidades possíveis dentro das esferas públicas assumindo lugares que antes lhes eram negados por serem estigmatizados. Porém para compreendermos mais sobre o assunto política cultural, devemos nos lembrar como Foucault nos mostrou nos capítulos anteriores deste trabalho que o Estado ocidental influenciado em sua formação pela igreja católica, condenou as diversas formas de experiências sexuais, as restringindo ao casal heterossexual sobre a rege do matrimônio. Com isso, o Estado por muitos séculos reproduziu através de suas políticas a ideia de que a homossexualidade não era normal, e suas formas e experiências deveriam ser combatidas. Logo, as políticas culturais como prática da razão estatal em sua formação, foram pensadas somente nas práticas culturais reconhecidas, essas que serviam para a reprodução da racionalidade estatal heteronormativa.

A Política Cultural cartografia-institucional e a ético-identitária, segundo João Domingues, tem diretrizes diferentes, enquanto a primeira se interessa pelas políticas públicas implantadas pelo Estado a segunda se endereça as disputas de grupos sociais pelo reconhecimento de suas identidades e dos seus direitos. Como Foucault já nos mostrou nesse trabalho, devemos pensar o Estado não como uma coisa primeira, já fundada, mas como algo que é construído junto com a sociedade e suas instituições. Logo as políticas culturais cartográficas, dependem do Estado como premissa para se realizarem, ao contrário das ético-identitárias que se realizam a partir de grupos sociais em disputa por reconhecimentos.

A primeira sinaliza a relação entre os Estados e instituições de fomento a produção, envolvendo as diversas cadeias produtivas da cultura e seus agentes, sugerindo a importância econômica dos bens culturais e, portanto, a possibilidade de sua sistematização em programas públicos ou privados de apoio a produção de bens e à preservação e fruição da memória e do patrimônio (Canclini, 2000). Rompendo com qualquer concepção instrumental ou sub-entendida sobre as políticas culturais, a segunda aponta para a forma como os grupos sociais se apropriam de seus elementos simbólicos como meio de buscar garantias e melhores posições na vida política, através de conteúdos morais para questionar a estigmatização, que visa reforçar, desta forma, uma agenda político prática de lutas por reconhecimentos de novos direitos, econômicos, sociais e políticos (BARBALHO, 2008; TAYLOR, 1994). (DOMINGUES; João. A diversidade atrofiada; 2013. P. 36, pp3).

Ainda sobre essas práticas das políticas culturais, trago a distinção do termo política, que no em inglês ganha dois significados o de “policy” e de “politics”. Para essa distinção trago a proposta de

distinção dos termos feita por Eduardo Nivón Bolán, presente no texto de Alexandre Barbalho (2009)<sup>41</sup>, “Para diferenciar, na língua espanhola, os sentidos de policy (que “se refiere más bien a la acción pública, al aspecto programático de la acción gubernamental”) e politics (que “tiene que ver con la política como lucha por el poder”). Sendo assim, o sentido de políticas culturais de identidades terão maior amplitude de reconhecimento no termo “politics”, esse que traz a disputa pelo poder de sujeitos marginalizados, com sujeitos reconhecidos e que possuem técnicas para lidar com aparelhamento político Estatal, este que nos termos em inglês poderíamos chamar de “policy”(BARBALHO, 2009).

Como podemos observar nessa clivagem entre essas duas concepções de Políticas Culturais, grupos sociais e poder publico estão em disputa por um reconhecimento de poder, imponto assim suas questões um ao outro, sem colocar em questionamento a relação de hierarquia já existente entre esses dois formadores de políticas culturais. A política cultural cartográfica-institucional é limitada a seus agentes e formuladores, fazendo com que haja uma delimitação na sua atuação, por ser formada por técnicos institucionais, que reconhecem apenas os iguais, quem possua os mecanismos de se relacionar com a técnica da política cultural institucional. Esses agentes não dão conta de reconhecer outras formas simbólicas além das que já estão escritas e sabidas pelo multiculturalismo. Esse que segundo Boaventura (2003) tem as formas de reconhecimento da cultura limitada as suas práticas reconhecidas.

O cânone é a expressão por excelência desta concepção de cultura, estabelecendo os critérios de seleção e as listas de objetos especialmente valorizados como patrimônio cultural universal, em áreas como a literatura, as artes, a música, a filosofia, a religião, ou as ciências (SOUSA Santos; Boaventura. 2003. Pg.27)

Com isso, acaba por promover políticas de cultura que são engessadas, hierarquizadas e positivadas na igualdade, não estabelecendo nenhum laço de participação em sua formulação. Promovendo assim, as culturas dominantes, como a heteronormatividade, assim como suas identidades, em uma forma de educação cultural padronizando as identidades de diferentes sujeitos. Logo, para que possamos ampliar as possibilidades de reconhecimento de diferentes sujeitos, trataremos as políticas culturais de identidade como meio de emancipar identidades antes estigmatizadas, como as identidades homoeróticas. Para isso, trataremos o conceito de identidade segundo o texto de Alexandre Barbalho (2008), para que possamos nortear as ideias de identidades, realizando a ampliação de seu reconhecimento, em detrimento de sua limitação.

---

41 O papel da política e da cultura nas cidades contemporâneas. (BARBALHO; Alexandre – Políticas culturais em revista, 2 (2), p.1-3, 2009 – [www.politicasculturaisemrevista.ufba.br](http://www.politicasculturaisemrevista.ufba.br) ).

Para dar conta do seu sentido inacabado da identidade, alguns teóricos dos Estudos Culturais recorrem ao conceito de *différance* elaborado por Jacques Derrida. Para Derrida, na leitura de Woodward (2000, p.28), “o significado é sempre diferido ou adiado; ele não é completamente fixo ou completo, de forma que sempre existe algum deslizamento”. (BARBALHO; Alexandre. Textos nômades, 2008, p.93, pp.6).<sup>42</sup>

Ainda segundo Barbalho, essa nova forma de política cultural de identidade tem como objetivo contestar velhos paradigmas sociais, “pondo em cheque os conceitos correntes de classe, gênero, raça, sexo, nação etc.. e as estruturas de poder que lhes são inerentes” (BARBALHO; Alexandre, 2008, p.96). Com isso, sujeitos com identidades homoeróticas seriam nessas políticas de identidades, uma possibilidade reconhecida, e não marcas de estigma. Fazendo com que homens que possuem seus trejeitos perseguidos pela masculinidade hétero, sejam reconhecidos por suas diferenças, sem deixar também que se perca o reconhecimento a sua dignidade humana e seus direitos. Esses que em nome de conceitos dominantes como a democracia, puderam ser degradados por alguns sujeitos, em nome desse conceito maior como observa West (1995, p.170) no texto de Barbalho (2008)<sup>43</sup>.

Em um recente passado, a dominante identidade cultural tem estado circunscrita pela imoral patriarcal, imperial, nacionalista e xenófoba restrições. As consequências políticas têm sido principalmente uma esfera pública regulada por e para o bem-fazer os homens brancos em nome da liberdade e da democracia. A nova crítica cultural expõe e explode as exclusões, invisibilidades e silêncios desse passado, ligando o libertário radical a projetos democráticos que irão criar um melhor presente e futuro. (WEST 1995, p.170 apud. BARBALHO; Alexandre, 2008, p.96).

As políticas culturais ético-identitárias segundo João Domingues (2013, p.40) “Tratam-se de ações ou perspectivas de ações políticas de grupos sociais que compartilham um certo sistema simbólico, coletivo e distinto.” Ainda sobre a sua definição dessa forma de políticas culturais, Domingues nos traz as maneiras de como essa forma política emerge de práticas culturais que antes eram estigmatizadas. Domingues (2008, p.40) “Elas reúnem um certo número de lutas sociais, políticas e culturais, conscientes ou latentes, cuja marca de identificação política, que lhe organiza e lhe dá sentido, é a própria expressão cultural”.

---

42 Textos nômades – Política, Cultura e Mídia. (BARBALHO; Alexandre. 2008).

43 In the recent past, the dominant cultural identities have been circumscribed by immoral patriarchal, imperial, jingoistic and xenophobic constraints. The political consequences have been principally a public sphere regulated by and for weel-to-do white males in the name of freedom and democracy. The new cultural criticism exposes and explodes the exclusions, blindness and silences of this past, calling from it radical libertarian and democratic projects that will create a better present and future.

Com isso, as expressões culturais apresentadas pelas políticas culturais ético-identitárias não são uma forma que deve ser consumida como produto final da cultura, como é realizado nas políticas culturais cartográficas institucionais. Mas essa expressão é apresentada, por aqueles agentes que a compõe sua formulação prática e conceitual sobre suas formas simbólicas e reivindicações pelo reconhecimento de símbolos culturais que a política cultural institucional deixa a sombra de expressões culturais dominantes. Como observaremos mais a frente com o grupo de dança Boy'Z UP, que leva o sujeito homoerótico pra dança, e a coreografia não é só um produto final, mas uma forma de positivar esses sujeitos que tem suas práticas reprimidas nas ruas, porém nos palcos ganham um reconhecimento positivo da sociedade, em nome de uma prática cultural reconhecida: a dança.

O caráter regulador do campo e das práticas recria as condições de promoção dos sujeitos que operam a dimensão ético-identitária das políticas culturais, revelando novas posses e atributos que se estabelecem a margem de um “estatuto natural do dominante”, como uma estratégia submersa de sobrevivência na ausência não-capturada pelos dominantes. Quando publicizado, este emprego que escapa a cultura dominante realiza o reordenamento do campo com novas lutas pela apropriação simbólica e, introduz significados de produção da realidade estabelecido em condições muito particulares. (DOMINGUES. João. 2013. Pg 42).

Essa forma de política cultural não se interessa pelo reconhecimento apenas de seus agentes e sujeitos, ou apenas pelo reconhecimento social das formas simbólicas de grupos sociais em questionamento, porém, também que se criem formas de fomento para práticas particulares, de grupos sociais degradados. Só assim, grupos sociais que tenham marcas de estigma as perderiam e positivariam suas práticas na sociedade, alargando as possibilidades de reconhecimento de outros grupos que ainda estão em formação ou se formarão. E quando as políticas culturais cartográficas institucionais só atendem as demandas dos novos direitos reivindicados pelas políticas culturais ético-identitárias, sem que haja uma política conjunta para garantir esse novo direito? Como podemos observar desde a legalização do casamento gay em nosso país, marchas se espalharam pelo Brasil em manifestação contrária a essa legalização, alegando o fim da “família tradicional” essa formada por um homem sua mulher e sua prole.

E nessas manifestações, palavras de ofensas a esses novos possuidores de direito são gritadas e escritas em cartazes, sem que haja nenhuma punição pela degradação moral desses sujeitos, que desde 2013 possuem o direito civil de se casarem perante o Estado Brasileiro. Mas esse fenômeno não se restringe ao Brasil, como pude observar em Lyon, segunda maior cidade da França, em uma dessas marchas da família que é contrária a adoção de crianças por casais homoafetivos, mesmo sendo uma

decisão aprovada pelo governo francês no fim do ano de 2013, reconhecendo assim a família a partir de um casal homossexual.

“Famílias da França, não deixem o Estado se tornarem pais de seus filhos.”<sup>44</sup>

Portanto vivemos em um sistema “democrático” onde a voz da maioria silencia as minorias, podemos observar o discurso da teóloga e psicóloga Marisa Lobo, no DVD: Ditadura Gay – Desconstruindo a família tradicional. Neste vídeo a teóloga diz que há uma ditadura gay, onde segundo ela, suas pretensões são desconstruir Deus e a Família Tradicional, e que os homossexuais não acreditam em Deus: “Isso são pessoas que não acreditam em Deus” (palavras da própria Marisa). Colocando sujeitos homossexuais em um mesmo “rótulo” como se não houvesse uma diversidade na experiência homossexual, que difere de sujeito para sujeito. Porém ao definir diversidade, Barbalho (2008) nos dá uma noção mais ampla que não distância sujeitos em um sistema binário de forças, como faz Marisa ao colocar indivíduos que acreditam em Deus em uma posição oposta aos que não creem, como se não houvessem homossexuais que partilham da fé em Deus, Jesus ou Nossa Senhora. Porém esse conceito alinha essas forças em um sistema de reconhecimento pela diferença não pela igualdade, mas sim pela diferença, possibilitando assim, a emancipação de minorias.

Como situa Ortiz (1999), o termo “diversidade reúne em um mesmo saco elementos de naturezas essencialmente diferentes. Não é possível que a dinâmica e a dimensão de um movimento como os dos indígenas na América Latina sejam as mesmas do movimento feminista tal como se desenvolve hoje nos EUA, por exemplo. Contudo, ambos estão agrupados como “luta das minorias por reconhecimento de suas diversidades (BARBALHO; Alexandre. 2008. Pg. 99)

Para que os novos direitos sejam garantidos segundo João Domingues “a normatividade construída no universo das políticas culturais precisa privilegiar a dimensão ético-identitária e o que esta representa, as diversas cosmologias e práticas de inserção na vida política e na vida cultural” (DOMINGUES. 2013, p.43, pp2). Como por exemplo, a criminalização da homofobia, essa que garantiria junto ao poder judiciário a penalização por qualquer agressão ou outro crime, motivado pelo ódio ao homossexual. Caso contrário, esses novos direitos serão concebidos secundários, gerando assim ainda segundo Domingues (2013) “cidadãos de segunda classe”.

---

44 Traduzido por Marcos Magno Espindola de Moura.

Para tanto, seria necessário a produção de uma política da diferença que venha complementar uma política do reconhecimento. Trata-se de um programa político de salvaguarda que promova as diversidades étnicas, sociais e culturais em lugar de políticas cuja vigência ignora a relevância das diferenças para melhor assimilá-las em uma identidade comum abstrata, que automaticamente converte os membros das ditas minorias em cidadãos de segunda classe. (DOMINGUES; João. A diversidade atrofiada; 2013, pg. 51)

Para exemplificar a inserção de grupos sociais minoritários na vida político cultural, no capítulo seguinte veremos como a política cultural ético-identitária funciona através das histórias de vida de alguns integrantes do Boy'z Up, esse que é um grupo de dança que leva a expressão homoerótica para cima dos palcos através de suas coreografias, e assim, conseguem o reconhecimento positivo do público. Esse reconhecimento, no entanto, não se restringe ao público gay, mas também por parte dos sujeitos heterossexuais, esses que por mais que não compartilhem as mesmas experiências sexuais, não deixam de perceber o talento daqueles sujeitos como bailarino. E principalmente, esse grupo, tem o papel de possibilitar a divulgação de outras identidades sociais que são estigmas, como os travestis e transexuais, para sujeitos que ainda se sintam excluídos da sociedade possam ter a possibilidade de vivenciar padrões diferentes de expressão da sua sexualidade.

### **3. BOY'Z UP; ACEITA... Análise Das Histórias De Vida E As Políticas Culturais Ético-Identitárias Como Meio De Positivação as Identidades Homossexuais.**

Primeiro gostaria de fazer uma breve apresentação sobre o grupo de dança Boy'z UP, este que é formado por bailarinos homossexuais, que em sua maioria moram nas periferias do Rio de Janeiro. O grupo foi formado sobre a regência do coreografo Rodrigo Assiny no ano de 2011, quando o mesmo trouxe essa ideia de Praga, inspirado no grupo de dança Kazaky, da Ucrânia. Rodrigo estava em Praga para dar uma série workshops de dança de rua junto com outros professores brasileiros. Então quando voltou ao Brasil no mesmo ano, reuniu um pequeno grupo de bailarinos que conhecia para formar um grupo inspirado naquele que tinha visto em Praga, que até então não tinha nada parecido no Brasil.

Com meninos dançando estilos de dança ditos femininos, como o stilleto, em cima de saltos altos, Assyni traz mais que um estilo de dança, traz a oportunidade onde os homossexuais pudessem dançar com um estilo próprio, expressando suas identidades sociais, sem tem que ficar forjando o papel do masculino nas coreografias, mas sim um estilo onde eles pudessem “desmonhequar”, e não precisarem que esconder suas identidades. Como é dito na última parte da primeira coreografia do grupo, em um refrão de funk carioca: “Solta essa bichona que dentro de você”. E foi exatamente assim que em 2012 vi pela primeira vez esse grupo, vi que ali estava inscrito uma disputa de sujeitos homossexuais pelo reconhecimento social de suas identidades. Porém falarei sobre essa disputa mais a frente, o que me interessa por agora são as histórias de vida dos integrantes do grupo que cresceram sobre a normatização e vigilância hétero, e hoje como nós gays falamos “sambam na cara da sociedade”<sup>45</sup>.

---

45 Expressão popular conhecida pelos gays, que foi imortalizada pela youtuber Roma Gama, ao falar do lançamento do quarto álbum da cantora pop Beyonce, ela diz “a negra sambou na cara da sociedade”, falando do sucesso que teria sido esse lançamento. <https://www.youtube.com/watch?v=tj32AwtNSpg>



Figura 1: Apresentação no Festival Rio H2K

Para além dessas primeiras colocações nesse terceiro capítulo, também gostaria de explicitar as metodologias utilizadas para a análise das histórias de vida a partir dos textos: Metodologias Qualitativas - Análise etnográfica<sup>46</sup>; A Ordem do discurso<sup>47</sup> e Os Relatos de Vida - Perspectiva Etnosociológica<sup>48</sup>. No primeiro dos textos citados acima, o autor nos fala sobre o conceito de “participação observação” que é “(...)quer quando é efetuada por quem, sendo membro de um grupo, tenta criar condições de ganhar compreensão e a inteligência dos processos sociais em que sua vida quotidiana é experienciada.” (ESTEVES, 2011). Essa forma de observação etnográfica cabe nesse momento, porque assim como os entrevistados, sou homossexual e possuo uma identidade social homoerótica, logo me sinto pertencente a esse grupo. Pois desde criança me percebi diferente dos outros meninos, não gostava de futebol, mas sim de boneca. Sempre tive meu comportamento vigiado e por vezes punido por não possuir atributos másculos. Frases como “desvira essa não”, “cruza as pernas que nem homem” ou “fale que nem homem” foram comuns ao longo da minha infância e juventude.

---

46 Antônio Joaquim Esteves ; <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4257.pdf> )

47 Foucault; Michel (1970).

48 Los Relatos de Vida en las Analisis Sociales. (BERTAUX; Daniel (2005).

Quando então com 15 anos idade, estava descobrindo mais sobre minha sexualidade, indo a festas e bares gays, minha família também descobriu sobre minhas experiências homossexuais, e todos me apoiaram exceto meu pai. Porém, toda minha família no começo ajudou meu pai a compreender a normalidade da homossexualidade. Por isso a metodologia de observação participação foi aplicada a esse trabalho.

No segundo texto Bertaux nos falará sobre as etapas das pesquisas sobre Os Relatos de Vida, que resultará no que ele chama de dados empíricos, esses que segundo o autor só se fundamentam em discurso teórico. Também trarei os dois primeiros capítulos deste trabalho monográfico, para complementar essa análise, confrontando as teorias utilizadas nos capítulos anteriores com os dados empíricos observados na pesquisa de campo.

(...) na fase exploratória, os relatos de vida cumprem uma função da mesma ordem que a observação, onde as conversas com os “informantes centrais”, na fase analítica se tornam estatuto de (dados empíricos) e são concorrentes e complementares, somente com o discurso teórico. (BERTAUX; Daniel; Relatos de Vida nas Análises Sociais. P, 4).(Tradução livre) <sup>49</sup>.

Citando Hoggart através do texto de Antonio Joaquim Esteves<sup>50</sup> Metodologias Qualitativas Análise Etnográfica e Histórias de Vida, este que nos diz que “A propósito da história de vida produzida por Hoggart, diz-se que ele: pretende não só falar do seu percurso sociocultural, mas pretende também tirar da sua própria autobiografia, significados que ultrapassam o nível do individual”. Com isso gostaria de deixar claro que os relatos de vida coletados neste trabalho falam muito da minha autobiografia, mas como esses são partilhados por uma comunidade<sup>51</sup>, homossexual, eles vão além do meu relato pessoal.

Logo nesta primeira parte deste terceiro capítulo, será analisado as histórias de vida de quatro membros do grupo Boy’z UP da infância até a juventude, quando entram no grupo. A abordagem será feita através dos primeiros capítulos deste trabalho, para que assim possamos compreender como os

---

49 (..)en la fase exploratória, los relatos de vide cumplen una función del mismo orden que la observación, quando las conversaciones con los “informantes centrales”, en la fase toman el estatuto de (dados empíricos) y son concurrentes y complementarios, simplemente con el discurso teórico. (BERTAUX; Daniel, 2005)

50 <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4257.pdf>

51 Se a comunidade se percebe regida pelo princípio da indivisão, a sociedade não pode evitar que seu princípio seja a divisão interna. (CHAUÍ; Marilena. Cidadania Cultural - O Direito a Cultura; p.132).

entrevistados, superaram a normatização heterossexual e hoje disputam o reconhecimento social através de suas identidades sociais homossexuais.

### **3.1 Apresentação Dos Personagens.**

Os personagens escolhidos são os bailarinos e coreógrafos do grupo, Vitor, Diewry, Rosemary (mãe de Diewry), Assiny, Lucas, e Rosa (mãe de Lucas). Os bailarinos entrevistados possuíam até a última visita de trabalho de campo e 20 a 30 anos e as duas mães de 40 a 50. Vitor trabalha como bailarino da Anitta, assim como Lucas, Assiny dá aulas e workshops em academias e Diewry é cabeleireiro profissional e também dá aulas e workshops em academias, além de participar de festivais em sua cidade no Mato Grosso do Sul, Sonora. O lugar onde cresceram foram áreas afastadas dos centros, Lucas na Ilha do Governador RJ, Vitor em Caxias RJ (cidade da baixada fluminense), Assiny em Madureira RJ e Diewry em em bairro afastado do centro de Sonora MS.

Na infância Assiny não tinha características diferentes dos outros meninos, ao contrário dos outros três entrevistados que por consciência na 3º série percebiam um tratamento hostil dos outros meninos ou até mesmo já sentiam atração por eles. Lucas relata que não se sentia a vontade nas brincadeiras ditas de menino, como o futebol, porém gostava de esportes e mais tarde foi jogar handball, nesta época lembra que os meninos o agrediam verbalmente, chamando de “viadinho” enquanto jogava. (fala “apenas” do assiny, e não fala mais nenhum)

Essas agressões só foram possíveis por existir uma norma heterossexual na razão de nosso Estado e instituída na nossa sociedade, que reproduzida pela escola, transforma o aluno na verdadeira “Polícia do Sexo” Foucault (1976). Expressão essa que o autor usa para falar das cassações aos discursos sexuais no início das nossas sociedades burguesas do séc XVIII. Mas se colocarmos no caso da escola, essa nova polícia do sexo, está para além dos discursos úteis e públicos do séc. XVIII. Nesse novo ambiente a caça são pelas diferentes formas de vivência da sexualidade, a presente razão do Estado está fundada na família, e para essa formação Foucault (1984) no primeiro capítulo deste trabalho, nos fala sobre a naturalidade do casamento e dentro dele a razão indispensável, homem e mulher como encontro fundamental para a procriação. Sendo esta última uma prática indispensável para formação das sociedades modernas, com o Estado tendo essa racionalidade sobre sua razão a heteronormatividade, os sujeitos que possuem identidades sociais virtuais e pessoais homossexuais terão de lutar por o reconhecimento de suas identidades perante este Estado.

Porém, se o Estado mudar sua racionalidade sobre sua razão, logo suas instituições mudariam seus discursos. Pois Foucault (2004) nos fala no primeiro capítulo, que essa racionalidade sobre a razão governamental, é possível de cristalizar ou de se construir algo novo. Logo a educação citando Foucault (1970) seria uma maneira fundamental para manter ou modificar os discursos sobre por exemplo, as sexualidades.

A educação, embora seja, de direito, o instrumento graças a qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, é bem sabido que segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT; Michel. A Ordem do Discurso 1970, p.41)

Para que as crianças possam ter o direito de viver sua sexualidade livremente, é necessário o Estado mudar essa racionalidade sobre sua razão e positivar diversas forma de sexualidade, ao invés de implementar nas escolas apenas o modelo hétero, (positivar sua identidade). É preciso que o Estado mude sua racionalidade em favor da diversidade sexual, e assim passe a entender a identidade como diz Stuart Hall no texto de Alexandre Barbalho<sup>52</sup>, como algo que não está fechado, mas algo que está em construção, e que esta que se constitui dentro e não fora da repressão.

No lugar de ver identidade como um fato consumado, e representado pelas práticas culturais, Hall(1996a, p.68) propõe pensá-la como uma produção que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre contituída interna e não externamente à repressão. (BARBALHO, Alexandre 2008.)

Aos 16 anos Assiny se apaixonou pela primeira vez por um menino hétero e seu amigo, quando então relutou contra seu desejo por homens e acabou namorando uma menina, mas ainda reprimindo seu desejo real. Até que sua namorada o traiu e desde então resolveu viver sua sexualidade plenamente, sem mais se autocercar. Lucas também aos 16 anos namorou uma menina, até que uma noite passa em frente a uma boate gay e se sente atraído pelo local e pelas pessoas que o frequentavam. Então um dia ele, seus amigos, e sua namorada, vão a boate e lá beija pela primeira vez um garoto, sem que sua namorada visse. No dia seguinte conversa com ela e diz que é gay, e conta o ocorrido na noite passada. Essa primeira reação de negação dos nossos reais desejos, é resultado de como diz Vron Ware no texto

---

52 O papel da política e da cultura nas cidades contemporâneas. (BARBALHO; Alexandre – Políticas culturais em revista, 2 (2), p.1-3, 2009 – [www.politicasculturaisemrevista.ufba.br](http://www.politicasculturaisemrevista.ufba.br) ).

de Rogério Diniz, no primeiro capítulo, só é possível pela produção e reprodução em massa dos discursos afirmativos da supremacia masculina, branca e heterossexaul.

Discursos esses que Foucault diz serem ineficazes na erradicação de outras formas de sexualidades, pois eles não dão conta sobre todas as manifestações do sexo existentes na sociedade, para além da função reprodutora. Como a compreensão dos dois sexos, homo e hétero, as diferentes faixas de idade e diferentes classes sociais. Com isso por mais que se reproduza um discurso dominante o nosso objeto de desejo fará emergir novos discursos como nos diz Foucault (1970)<sup>53</sup> no trecho a seguir do livro *A Ordem do Discurso*.

Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT; Michel. *A Ordem do Discurso* 1970, p 67)

Vitor aos 16 anos teve seu primeiro namorado, quando então namorou por quatro anos com o mesmo menino, quando então contou a sua mãe, que de primeira o aconselhou sobre “a noite gay”, pois ela já tinha a frequentado com seu irmão, que é homossexual. No final da conversa a mãe o apoiou, mas Vitor não contou a sua família.

Diewry com 16 anos beijou pela primeira vez um menino, seu melhor amigo, e logo contou para sua mãe, que diz ser uma fase e que logo passaria logo Diewry ao perceber que não se tratava apenas de uma fase, passa a não falar mais do assunto com sua mãe.

A vigilância para que ninguém saiba da experiência homossexual é latente visto o trecho do livro *Estigma* (GOFFMAN, 1988), analisado no segundo capítulo deste trabalho, que traz a resposta de um garoto ao ser perguntado se após sua experiência homossexual esse teria lhe causado algum incomodo. O garoto logo responde que não, e diz que só ficou preocupado que alguém descobrisse, que sua mãe e seu pai o pudessem descobrir só de olha - lo, mas o menino disse que se tranquilizou no jantar quando os mesmos agiram como de costume. Como podemos observar a partir dessa análise, a primeira vigilância que nós sofremos é a nossa, o medo que alguém descubra.

---

53 *A Ordem do Discurso* (FOUCAULT; Michel, 1970). Aula inaugural no Collège de France.

Segundo Goffman (1988), presente no segundo capítulo deste trabalho, a Identidade Social Virtual seria as características identificáveis socialmente de um sujeito, por exemplo se ele é afeminado a Identidade Social Virtual dele logo seria associada ao homossexual. E a Identidade Social Real seria os atributos que prova possuir, se ele é afeminado e se diz gay. A primeira pessoa que todos os entrevistados revelaram suas Identidades Sociais Reais foram suas mães, como já foi vimos no caso do Vitor e Diewry. Porém a maior dificuldade é contar para o pai, e todavia são as mães que geralmente os ajudaram a contar sobre sua sexualidade. Como no caso de Vitor que com 16 anos sua mãe revelara ao pai sua Identidade Social Real, o mesmo esperou um tempo para conversar com o filho, a época com 16 anos, Vitor foi pra casa do namorado com medo da repressão do pai até que um dia se encontraram e conversaram uma única vez sobre esse assunto. Hoje a relação dos dois é saudável e afetuosa se dão bem, e essa relação positiva foi materializada na festa de aniversário de Vitor em 2013 onde os pais dele fizeram uma decoração toda rosa, como forma de agradecer o filho.

Já no caso de Diewry, ao contar para o padrasto, começa a sofrer sucessivas punições, no entanto sua mãe, que agora passa o apoiar, o defendendo daquele. Com 16 anos Diewry sai de casa e vai morar sozinho, começa a trabalhar como patrulha mirim na sua cidade e já pagava seu aluguel.

As atitudes de repressão aos homossexuais pelos heterossexuais, mesmo dentro de casa, são causadas por feridas a subjetividade da masculinidade dos heteros. Os homossexuais ferem a masculinidade heteronormativa, como por exemplo, os atributos físicos e morais de serem fortes, valentes e protegem suas esposas, como nos demonstra Foucault (1984) neste primeiro capítulo. Onde fala que o homem foi constituído como capaz de suportar o frio, semear, plantar e batalhar, já as mulheres seriam dóceis e meigas e teriam medo de um sentimento de perda de seu homem. Com isso, o homem que ultrapassa esse limite masculino e feminino é tratado pela heteronormatividade com estigma de alguém que não merece respeito.

No caso de Assiny não foi diferente, primeiro contou para sua madrasta sobre sua homossexualidade, e a mesma o apoiou para que ele contasse ao seu pai, até que um dia eles conversaram e seu pai também o aceitou, falando que tinha amigos que também eram gays e não que via problema nisso. Porém para sua família ainda não sabia sua sexualidade, era uma assunto em suspenso, não se falava, não interessava. Até que um dia durante o programa de televisão aberta “se ela eu danço” no SBT, Assiny se apresentou com a Cia de dança RM, que apresentava um trabalho ainda tímido do que seria o Boy’z UP, não tão afeminado. O apresentador perguntou quem era gay do grupo,

e Assiny falou que era, e então sua família ficou sabendo da boca dele. Isso não foi um problema em festas e eventos de família, ele se relaciona bem com seus parentes, e todos os respeitam. Como é o exemplo da foto postada na rede social Facebook, por um primo de Assiny, que na época coreografava a cantora de funk Valesca, o primo colocou na descrição da mesma: O moleque tá na mídia...respeita o careca....primo sucesso sempre...amo você e tô na torcida sempre.



Figura 2: Assiny ao fundo da Cantora Valeska Popozuda (Acervo pessoal)

No caso do Lucas, sua mãe que estava presente na entrevista, disse que os outros a sua volta sempre a “tentaram alertar” contra a homossexualidade do filho desde a infância, porém isso não era uma questão para ela já que não via um problema nessa possibilidade. Certa vez a mesma repreendeu um menino que ofendeu seu filho quando o chamou de “bixinha”. Porém, a certeza da sexualidade do Lucas, só veio com sua declaração sobre seu primeiro relacionamento, quando ele estava apaixonado por um menino na fase da adolescência. Entretanto, seu pai ainda não sabia, e certa vez durante o carnaval, foi levar seu filho e seus amigos para Ipanema e os deixaram na rua “farme de amoedo”, esta conhecida por ser uma Rua Gay, inclusive escrito na placa da Rua. Contudo, seu pai não disse nada.

Lucas, então com 16 anos, contou ao seu pai, que não recebeu bem a notícia. Isso fez com que a convivência familiar ficasse conflituosa, pai e filho deixaram de se falar por um período. Até que casualmente num encontro pela rua, os dois se olharam e seu pai então o pediu desculpas e os dois conversaram e se acertaram. Todavia, ele não contou para toda sua família, pois disse não haver necessidade, até que ano de 2013 em uma apresentação com a cantora de funk Anitta transmitida ao vivo pelo canal fechado de televisão Multishow, a cantora diz para ele depois de uma música na qual ele fazia um solo: “Ah, se ele fosse homem.” Referindo-se a sua beleza física. Neste momento sua avó de idade avançada estava assistindo a lado de sua mãe, então a matriarca e toda família ficaram sabendo. E na hora com o constrangimento, Lucas por saber que sua família estaria assistindo, abaixa a cabeça e se dirige ao fundo do palco.

Hoje Lucas se relaciona muito bem com seu pai, e os dois têm uma relação que qualquer homossexual gostaria de ter com o pai, ele vai as apresentações do filho e o apóia. Além disso, Lucas tem uma irmã bem mais nova que ele a qual o tem como uma referência positiva, ela vai as suas apresentações e fica babando pelas maquiagens os saltos altos. Tive a oportunidade de presenciar a primeira vez que ela via o irmão dançando com o Boy’z UP, e pude notar o deslumbramento dela com o figurino do grupo. Como troca e demonstração de afeto entre pai e filho, Lucas e Charles postam fotos juntos em suas redes sociais, uma dessas fotos é uma na qual seu pai o leva para comprar um lanche durante a madrugada: “Só ele que faz minhas vontades da madrugada. Me levar as 2 da manhã no Mc Donald’s ! Meeu melhor amigo, MEU PAI ! TE AMOOOOOOOOO MUUUUUUITO @charlesfenix .”



Figura 3: Lucas e Charlie (Acervo particular)

Nos casos dos entrevistados a relação de poder entre pais e filhos é apresentada de forma hierárquica onde o pai passa o conhecimento do masculino para o filho e espera que ele o siga e reproduza, ele não conta com a possibilidade da homossexualidade. Porém no caso de Lucas e Vitor, eles fizeram com que seus pais entendessem suas sexualidades, os respeitassem e acima de tudo os amassem. Como Foucault (1976) nos fala no primeiro capítulo, de como o poder tem uma multiplicidade de relações forças que exercem sobre ele o jogo que através das disputas, invertem essas relações de força ou reafirmam seus valores. Logo, na relação de forças exercidas pelo poder de Pai para Filho, fez com que os Pais através dos confrontos de ideais, hetero Vs Homo, seus pais mudassem sua relação de força, de Pai que diz o que é certo para aquele que escuta seu filho sem impor a ele sua própria sexualidade, e o aceita. Assim nesta parte do trabalho vimos que o enfrentamento a heteronormatividade realizado pelos entrevistados fez com que seus Pais pudessem rever os conceitos sobre os padrões heteronormativos aceitando as identidades sociais dos seus filhos.

### 3.2. Boy'z UP - Pesquisa De Campo.

Nesta última parte falarei do trabalho de campo realizado nos ensaios do grupo, de sua formação e como ele se constituiu, os primeiros integrantes e sua importância para o reconhecimento das identidades sociais homossexuais. Assim como da autopromoção do próprio trabalho do grupo, através de festivais de dança e da internet. E que após serem reconhecidos, acessam ao mercado de trabalho, tornando possível a vida desses jovens através da dança. Os entrevistados chegaram a este grupo de diversas maneiras, porém a maioria já se conhecia da cena de danças urbanas no Rio de Janeiro.

Assyni começou a dançar tarde, depois de terminar a faculdade de educação física, começa dançando hip-hop, mas muito do que aprendeu é por ser autodidata. Lucas na época em que jogava handball começou a se interessar por dança, foi quando começou a faltar aos treinos e ir escondido de seus pais fazer aula de jazz. Diewry o último a chegar ao grupo em 2013, vem da pequena cidade de Sonora em Mato grosso do sul, na qual segundo ele nas festas de aniversário não se sentia a vontade pra dançar, ficava com medo de sofrer repressão. Vitor começou a dançar na adolescência e já trabalhava para pagar seus figurinos, segundo ele, quando começou a dançar hip-hop os garotos não queriam ficar perto dele por ser afeminado. Essa mesma repulsa Goffman (1988) exemplifica em sua obra citando Julian Messner 1959, no segundo capítulo, diz sentir repulsa pelos homossexuais declarados, e segundo Julian com seus trejeitos afetados o incomodam.

Assiny ao voltar de Bruxelas, forma o Boy'z UP junto com Daniel Lourenço, até então coreografo junto a Assiny, Lucas e Vitor, que já se conheciam através da cena carioca de danças urbanas, a partir do encontro de danças urbanas Rioh2k<sup>54</sup> (Rio hip-hop kemp), onde os maiores nomes mundiais das danças urbanas se encontram para dar workshops e fazerem performances. A partir daí, começam a ensaiar e chamar mais pessoas para fazerem parte do grupo, com foco na primeira apresentação realizada no Rioh2k de abril 2012 (Imagem 01). Essa apresentação, aconteceu no teatro do SESC Tijuca, o qual estava lotado para ver não só a apresentação do Boy'z, mas de outros grupos, assim como as performances dos professores convidados para aquele ano. Tive o prazer de assistir

---

54 Rio H2K, tem na sua origem o sonho de realizar anualmente um grande encontro internacional das Danças Urbanas. Trazer profissionais internacionais e nacionais, amadores e iniciantes das Danças Urbanas, provocar a troca de informações e vivências, e apresentando ao público o melhor das Danças Urbanas de todo o mundo. <http://www.rioh2k.com.br/2015//sobre/apresentacao>

enquanto estagiava no evento e constatar que eles foram o grupo mais aplaudido e ovacionado pelo público.

Depois dessa primeira apresentação, eles repetiram a coreografia se apresentando em maio do mesmo ano na festa Juke Box<sup>55</sup>(RJ), no Festival Internacional de Hip-Hop de Curitiba<sup>56</sup> em julho, e por último, em agosto no programa de televisão Astros<sup>57</sup>, no canal aberto de televisão SBT. Toda essa exposição fez com que o grupo ficasse conhecido, com isso Diewry, ainda morando em Sonora-MS, conhece o trabalho do grupo através das mídias, e logo se identifica com seu estilo de dança, então faz contato com grupo que o recebeu em 2013 no Rio de Janeiro.

---

55 Depois de passar por uma casa de festas no Andaraí, Centro de Convenções SulAmérica e Vivo Rio, hoje, a JukeBox se consagrou como uma das maiores festas voltada ao público LGBT do Rio de Janeiro. [https://www.facebook.com/festajukebox/info/?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/festajukebox/info/?tab=page_info) (Link da apresentação: <https://www.youtube.com/watch?v=0F9elW03pMs> )

56 Festival Internacional de Hip-Hop em Curitiba. <http://www.fih2.com.br/> (Link da apresentação: <https://www.youtube.com/watch?v=pw-QPZzyXfk> )

57 Programa de Televisão Astros. <http://www.sbt.com.br/astros/> (Link da apresentação: <https://www.youtube.com/watch?v=gjSpaV11ojg> )



Figura 4: Festa Juke Box, Maio de 2012



Figura 5: Festival Internacional de hip-hop junho de 2012



Figura 6: Programa Astros SBT agosto de 2012

Logo no começo junho 2013, decido fazer essa pesquisa monográfica, então vou até o evento Rioh2k para convidá-los a participar, falo com Assiny que no meio dos preparativos para a apresentação, gosta da ideia e pede que o procure nas redes sociais para melhor explicar a proposta, feito isso o mesmo me permite pesquisar o grupo e me fala a partir de então os horários e local de encontro para ensaios. Então em julho, começo de fato minha pesquisa com o diário de bordo dos ensaios do grupo no parque do flamengo aos domingos às 14h, esse espaço sem infraestrutura para acomodar um grupo de dança, com suas necessidades como piso de linóleo, espelho e o principal o um equipamento de som. Nesses ensaios tive a oportunidade de partilhar momentos incríveis com os meninos, como todos nos moramos nas periferias do Rio, íamos todos do aterro do flamengo até a central do Brasil de ônibus, onde cada um pagava outro ônibus para ir até sua casa, e tinha quem pegasse mais um pra chegar até chegar seu destino. Até que um dia Diewry chega ao final de um ensaio, ele que vinha da cidade Sonora no Mato grosso do Sul ao Rio com sua mãe, com o sonho de fazer parte daquele grupo. Grupo que ele conheceu através das redes sociais do programa Astros do SBT. Então Diewry participa do fim do ensaio como uma forma de teste para ingressar no grupo, onde no mesmo dia recebe a notícia que estava aceito. (aqui!!!! fala a partir daqui da sua experiência no Aterro do Flamengo, das voltas dos ônibus com eles, das visitas aos cursos que eles dão, etc)



Figura 7: Rio H2K 2013

Logo podemos ver que a formação desse grupo se deu através das práticas simbólicas partilhadas entre eles, um conjunto de códigos e vivências próprias que os distinguem de sujeitos heteronormativos. Com isso as políticas culturais ético-identitárias, como fala Domingues (2013) no meu segundo capítulo, vem racionalizar essa prática, que segundo o autor são ações ou perspectivas de ações políticas de certos grupos sociais que partilham um certo sistema simbólico, coletivo e distinto. Sendo assim, a nova política da diferença não pode mais estar pautada somente na diferença de classes, essa tem que está agora pautada nas mais diversas relações sociais. Essas que exigem novos discursos e novos direitos, como podemos observar nesse trecho no texto de Barbalho (2008) “A esquerda tradicional, ao ler o contexto social apenas pela ótica de classe, o 'real mundo da política', perdeu a vista todas as outras formas de opressão que vigoram nas relações sociais e que vêm exigindo novos discursos e práticas ”

Nesta fase será analisado o diário de bordo que foi coletado durante quatro ensaios do grupo Boy’z UP com objetivo de perceber como é realizado o processo criativo do grupo, além de perceber como eles se relacionavam com o ambiente público, já que ensaiavam em um parque aberto.

No aterro no flamengo sem a menor infraestrutura para abrigar um grupo de dança e com preconceito dos que passavam e olhavam com desprezo, ou até mesmo professavam ofensas verbais. E é neste ambiente precário e hostil que se davam as criações artísticas desse grupo. Segundo Chauí (2006), só existe democracia se houver a ampliação contínua da cidadania, com isso o grupo Boy’z UP nas democracias liberais não seria detentor da cidadania, essa que para autora se define nos direitos civis, direitos econômicos e sociais, já que os mesmos não possuem seu direito de ir e vir e são cerceados por sujeitos heteronormativos quando estão em espaço público.

Em outras palavras, só há democracia com a ampliação contínua da cidadania. Por esse motivo, a cidadania, que nas chamadas democracias liberais se define pelos direitos civis, abre um campo de lutas populares pelos direitos econômicos e sociais.(CHAUÍ; Marilena. Cidadania Cultural - O Direito à Cultura, 2006; p.140).

Depois de analisarmos o espaço em que acontece a criação, passamos para observação dos meninos nos ensaios. Em todos os ensaios em que estive presente era regra o atraso de pelo menos uma hora por parte do grupo, os coreógrafos, com a saída de Daniel Lourenço, Assiny e Vitor, sempre eram os primeiros a chegar e sempre tinham que ficar ligando para saber onde o grupo estava se iriam mesmo ao ensaio, e quando se reunia já uma boa parte do grupo, Vitor e Assiny davam uma bronca e reclamavam da falta de comprometimento do grupo com o trabalho realizado pelo Boy’z UP. Passada

as broncas o ensaio começava com um som emprestado, quando tinha, mas sempre com muito bom humor e entusiasmo por parte dos integrantes.

No dia 30/06/2013, segundo ensaio que presenciei Assiny em umas dessas broncas por atraso, questionou a possibilidade de acabar com o grupo pela postura descomprometida da maioria dos integrantes, e disse que o objetivo daqueles ensaios era dar uma certa profissionalização dos integrantes, onde em cada ensaio um integrante daria uma aula com sua especialidade de dança em favor da melhora técnica de todos. Para que assim ele já um coreografo com nome na cena das danças urbanas, recebe muito pedido de indicação de bailarinos, essas bem específicas onde o corpo segundo Assiny é fundamental, ter uma quantidade visual especifica de massa muscular, um corpo forte, com massa muscular aparente, um corpo mais identificado como masculino.

As coreografias do grupo são quase todas das famosas divas do pop como: Beyonce, Britney Spears e Madonna, essas que para os integrantes são referências, ídolos, e com isso copiam suas roupas e comportamento. Com isso, mesmo os ensaios que não tem som, não ficam sem música, pois os integrantes cantam a música toda, mesmo não sabendo o idioma cantado pelas divas americanas, eles marcam o tempo da coreografia e para isso saem inventando letra para as músicas. Por exemplo, na música “I’m slave 4 u”<sup>58</sup> quando a letra é “Now watch me” eles modificam essa letra de modo a manter a fonética parecida com a letra original, então eles cantam “Não ache me”, como pude presenciar no último ensaio do aterro, dia 14/07/2013.

*“Virar Bofe não dá!”.*

Essa foi a expressão que mas me chamou atenção no primeiro dia de ensaio, tanto que virou o título deste trabalho, quando Vitor reuniu todos e começou a dar sua aula, sendo que a coreografia do dia seria uma com mais movimentos de hip-hop, onde o homem tem um papel definido por sua masculinidade. Então poucos minutos depois de começar sua aula, um dos integrantes saí no meio da aula, e solta: Ai viado, virar bofe não dá! Então logo percebi como aqueles meninos ao dançar o gay style, estavam mais que se expressando reivindicando um direito de exercer suas identidades sociais perante a sociedade e através da linguagem artística da dança.

---

58 Britney, 2001 (Jive Records). Album lançado por Britney Spears.

Nos ensaios há muita brincadeira entre eles, e o que pude perceber são que as mesmas palavras que da boca de outros os ofendem, da boca deles e entre eles essas palavras antes ofensivas ganham novo significado. Uma das palavras ressignificadas é o caso da palavra bicha e viado, termos usados normalmente entre eles para se chamarem, se um liga pro outro, o outro atende: “fala bixa” ou “ai viado”, como forma normal de se chamarem, sem o menor teor de característica ofensiva. Outro exemplo de ressignificação da palavra viado foi quando em uma parte da coreografia onde todos fazem pose, Assiny grita: “Viado! Uma mais caruda que a outra.” Logo a palavra viado não se designa a uma pessoa, mas é usado como uma exclamação. Diferente de quando alguém quer reprimir outro por sua sexualidade e usa aquela palavra de forma pejorativa para insultar alguém.

O gay style seria composto, segundo o próprio grupo, da mistura básica de três estilos de dança: Vogue, stiletto e hip-hop. Segundo o post do dia 09/11/2010, Vogue: Origem Histórica, do blog Mundo Waacking Vogue<sup>59</sup> “Antes de surgir o Waacking ou o Vogue, existia *Posing*. Segundo Tyrone Proctor, em cada 'boom' da música os dançarinos faziam poses diferentes e você podia ver todos os dançarinos em poses, era fenomenal!”. Na década de 70, após os movimentos juvenis de libertação de antigos valores, emerge uma comunidade gay forte nos Estados Unidos, essa dotada de clivagens dentro de si, para além do social, como podemos ver neste trecho que fala de uma cena contemporânea afro-americana, emergente no mesmo texto do blog.

Porém, travestir-se em reuniões sociais tem sido uma característica proeminente da cultura GLBT e, a partir da década de 1970 em diante, a comunidade gay tem sido uma família substituta para muitos negros e latinos jovens transexuais gays. A cena contemporânea africano-americana das "Drag balls" tem suas raízes no final do século 19, quando uma migração maciça vinda do Sul deu origem ao florescer das comunidades negras Gay, em cidades do norte como Nova York e Chicago. (Retirado em 05/06/2016: <http://mundowaackingvogue.blogspot.com.br/2010/11/vogue-origem-historica.html>)

O vogue como pude observar no documentário “Paris in burnnig”<sup>60</sup> nasceu emergiu na periferia da cidade de Nova York, nos anos 80 e tinha como componentes jovens negro, latinos e transgêneros, que se reuniam em uma família chamada por eles por “houses” dentre as principais “LaBeija”, “Ninja” e “Xtravaganza”. Rejeitados por suas famílias, os jovens iam morar nessas “houses”, onde tinha uma “Mother” que cuidava da organização da casa, a parte administrativa, enquanto os mais novo faziam o

---

59 <http://mundowaackingvogue.blogspot.com.br/2010/11/vogue-origem-historica.html>

60 “Paris Burnning” 1990. Diretor: Jennie Livingston.

serviço doméstico. Então o documentário fala dos “Balls”, que são competições entre as “Houses”, um de figurino, onde eles desfilam glamour e luxo nas passarelas da boate, assim como de dança onde o vogue como principal estilo, e cada “house” possui um estilo diferente da outra de dançar o vogue. Com isso, esses jovens podiam viver suas identidades sociais escondidos nessas boates e em suas “Houses”, já que a sociedade os reprimiam não só por suas sexualidades, mas também, por suas origens africanas e latinas.

Esse movimento de criação de uma linguagem artística a partir da reivindicação de identidades sociais, como podemos concluir foi comum tanto no Harlem na Nova York dos anos 80s como é no Brasil do séc.XXI, com o grupo Boy´z UP onde ambos tem uma origem social periférica. Como diz Domingues (2013), no segundo capítulo do meu trabalho a propósito das políticas culturais ético-identitárias, falo que os grupos sociais se apropriam de elementos simbólicos para assim buscar melhores garantias na vida política, através de conteúdos morais para questionar a estigmatização. A partir disso, podemos analisar que no caso Boy´UP, nas duas primeiras coreografias do grupo, havia uma parte que era de funk, onde na primeira apresentação em 2012 foi uma música que falava no refrão como já foi dito: “Solta essa bichona que tem dentro de você”. Na segunda em 2013 a música, foi a música “sou gay”<sup>61</sup>, onde a música que serviu para a parada gay de São Paulo no ano de 2012, começa dizendo o que seria a PLC 122, como veremos logo a seguir. Com isso as músicas de funk escolhidas pelo grupo seriam além da dança um elemento simbólico que o grupo se utiliza para reivindicar melhores condições de vida.

A PLC 122: Serão punidos em lei os crimes resultantes de discriminação ou preconceito, de raça, cor, etnia, religião, origem; Crime contra idosos ou pessoas com deficiência física; GÊNERO, SEXO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO. Praticar, induzir ou incitar a discriminação e preconceito. Resulta, meu bem, em crime. (VALESKA POPOZUDA, 2012).

O Boy´z UP como um grupo de dança sem apoio, realizava essa circulação através de encontros de dança, festivais, programas de calouros em TV aberta e principalmente na Internet. Essa que é principal forma de troca e busca de referência para o grupo, que através dessa ferramenta pode melhorar e desenvolver seu trabalho, buscando, por exemplo, vídeos de dançarinos de vogue, esses que postam

---

61 Sou Gay (Valesca Popozuda; David Brasil feat David Alvares). Versão da parada gay do ano de 2012. <https://soundcloud.com/trickmonteiro/sou-gay-valesca-popozuda-david>

seus vídeos nas plataformas online, a mais famosa dela o Youtube, como é o caso da transsexual novaiorquina Leiomy.

Essa circulação do grupo, está para além de apenas mostrar seu trabalho ou buscar referências, mas está também na identificação estética com sujeitos que vivem em outras cidades do país, mas que assim como eles passam por dificuldades por possuírem uma identidade social parecida com as identidades sociais analisadas no grupo Boy'z UP. Os vídeos do grupo são postados por diferentes pessoas, naquelas plataformas online, como forma de dar notoriedade ao grupo e seus participantes. Diewry só pode conhecer o grupo através dessa circulação online, até o contato com grupo pelas mídias sociais mostra como a circulação que por mais espontânea que seja é capaz de tocar sujeitos que não estão no mesmo espaço geográfico.

A televisão também é um meio importante, já que como dissemos, eles se apresentaram no programa Astros da rede STB, mas foi no programa da Esquenta da rede Globo, que veio a demonstração de estigma. Esse que analisaremos a partir do discurso dos participantes do programa, que foram: Assiny, Jonathan e Binho. Eles primeiro falaram sobre os outros homossexuais que estavam na plateia, falando que os mesmos os reprimiam, como eles disseram fazendo carão (expressão usada entre nós homossexuais, para designar um olhar de reprovação ou indiferença), por eles estarem de salto alto e com roupas femininas, e expressando a identidade homoerótica. Esse desprezo pelos próprios homossexuais com os integrantes do grupo acontece pela divisão interna da comunidade homossexual.

Como já dissemos na primeira parte do segundo capítulo. Quando concluo que os homossexuais não deixaram para trás o sistema binário homem X mulher, eles o transformam em ativo e passivo, onde o ativo assume as identidades (real e virtual) masculinas e o passivo a identidade (real e virtual) feminina. E essas identidades são hierarquizadas relativamente da mesma forma que os antigos sistema binário, onde masculino é privilegiado socialmente perante o feminino majoritariamente. E dentro da comunidade homossexual, os masculinizados são mais desejados e respeitados, enquanto os afeminados são desprezados por eles mesmos e pelos masculinizados.

Como podemos verificar nos nomes que são dados a esses diferentes grupos de homossexuais, para os masculinos: Barbies e Ursos são exemplos; para os afeminados: bicha pão com ovo e bicha poc poc. Barbie refere-se aos maculinizados que tem grande cuidado com o corpo, malham, tem grande

volume de massa muscular, como próprio significado da boneca dos anos 50, são vaidosos e fazem parte do padrão estético dominante. O urso já seria o homossexual um pouco ou muito acima do peso, mas o principal são os pelos do corpo, que devem ser grande, fazendo menção ao animal. Já os afeminados recebem de forma pejorativa os apelidos de pão com ovo e poc-poc, esse que além de fazer menção a feminilidade também trás a questão econômica, já que pão com ovo seria uma comida popular e poc poc um chiclete barato.

Mas ainda neste mesmo programa da rede globo, a apresentadora, após a apresentação dos três em forma de competição entre eles, por voto da plateia de qual eles achariam que dançavam melhor. Ao termino do “concurso” entre eles a apresentadora não permite que Assiny fale sobre o estilo nem sobre o grupo, produzindo assim apenas uma forma de espetacularização dessa linguagem artística baseada em identidades sociais virtuais e reais de homossexuais. Assim sem promover um debate sobre as formas de opressão que eles sofrem por viverem suas identidades homoeróticas, a emissora não se preocupa mais com que os números do Ibope. Essas avaliações foram feitas sob a explicação de Bertaux (2005)<sup>62</sup> sobre as formas que se podem tomar os relatos de vida, na medida em que eles, os relatos, são relatados por um narrador, em certas formas eles podem estar voltados para a pessoa para quem dão o relatos, neste caso eu, o narratário.

O texto que segue não é mais que o primeiro passo de uma reflexão aberta as tomo com as diversas formas que podem se tomar os relatos de vida: formas que não dependem do narrador se não do “narratário” a pessoa para quem se faz o relato, de sua demanda (que, explícita ou não, é rapidamente percebida, conformando o relato de acordo com ela), de sua espera, de sua atenção: do contrato implícito que encerra ja no primeiro contato. (BERTAUX; Daniel. 2005. Pg 8)

Nos festivais o grupo se apresentava geralmente como convidado, Assiny me disse que sofreria preconceito no julgamento, visto que os concursos de danças urbanas que se apresentavam, são ainda muito marcados pelo hip-hip com um discurso machista. As festas gays da cena carioca também são um meio comum de circulação do grupo ou apenas seus participantes, como a festa Juke box 2011 (Figura 02), deu a oportunidade desse grupo se apresentar, porém ganhando um pequeno cachê.

---

62 El texto que sigue no es más que el primer paso de una reflexión abierta en tomo as las diversas formas que pueden tomar los relatos de vida: formas que no dependen del narrador sino del "narratario", de la persona para quien se hace el relato, de su demanda (que, explícita o no, es rápidamente percebida, conformándose el relato de acuerdo con ella), de su espera, de su atención: del contrato implícito que encierra ya el primer contacto. (Bertaux; Daniel, 2005, p.2)

Após um reconhecimento, em 2013, através do clipe da cantora Anitta<sup>63</sup> “Show das Poderosas”, os bailarinos do BoyZ UP assim como seu estilo de dança se popularizaram. A época da gravação, Daniel Lourenço, era coreógrafo da cantora assim como do Boy’z, então a cantora junto com sua dançarina Ariele Macedo, criou a coreografia no estilo de dança stiletto, e ele então chamou todo o grupo para participar do clipe, que hoje é o primeiro videoclipe brasileiro com mais de cem milhões de visualizações no Youtube. Porém, foi a cantora Lorena Simpson<sup>64</sup> que colocou pela primeira vez no Brasil, bailarinos homossexuais expressando suas identidades sociais em cena, como o exemplo de Vitor que já dançava com a mesma até 2012.



Figura 8: Videoclipe Show das poderosas 2013

---

63 Larissa de Macedo Machado (Rio de Janeiro, 30 de março de 1993). mais conhecida pelo nome artístico Anitta, é uma cantora, compositora, atriz e dançarina brasileira de música pop e funk melody. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anitta>. Acessado em 01/06/2016.

64 Lorena Braga Gomes Simpson (Manaus, 30 de março de 1987), conhecida apenas como Lorena Simpson, é uma cantora, dançarina, compositora e coreógrafa brasileira. Em 2006 iniciou a carreira como bailarina e coreógrafa da cantora Kelly Key. Em 2008 se lança em carreira solo, ficando famosa nacionalmente por canções como "Brand New Day" e "Can't Stop Loving You", levando segmento musical do house music para fora das boates. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lorena\\_Simpson](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lorena_Simpson). Acesso em 01/06/2016



Figura 9: Show Lorena Simpson

Depois de Anitta em 2013 com Lucas sendo destaque no vídeo, Assiny cria a coreografia para a cantora Valesca Popozuda, com o single “Beijinho no ombro” em 2014. Hoje Lucas e Vitor são bailarinos da Anitta, sendo destaque em suas performances.



Figura 10: Clipe Beijinho no Ombro da cantora Valesca Popozuda

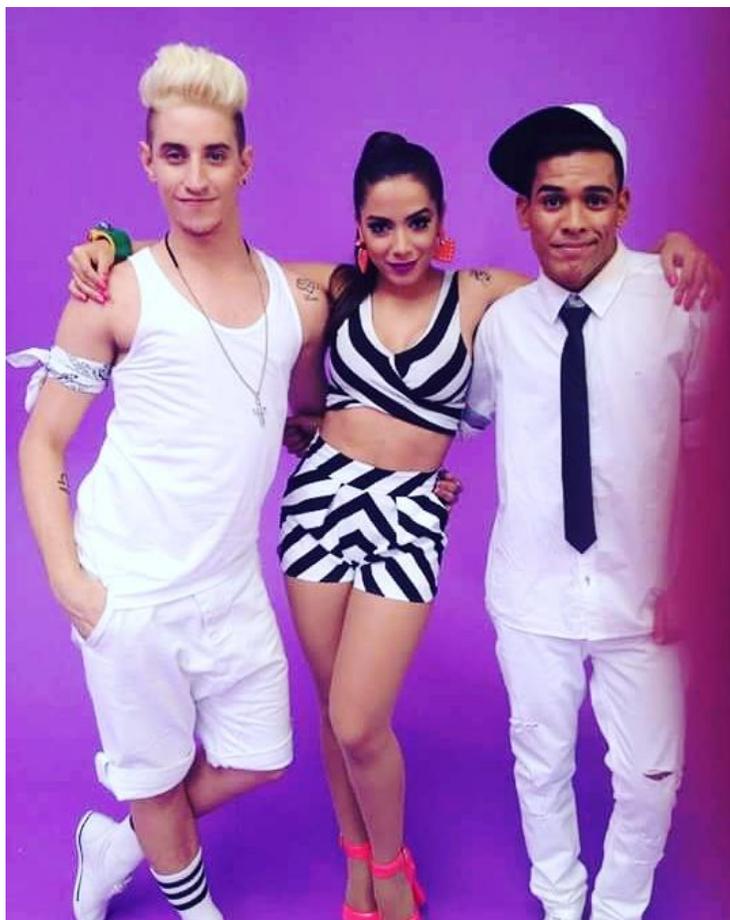


Figura 10: Lucas, Anitta e Vitor

A última apresentação do grupo Boy´Z UP foi no Rio H2K de 2014. Hoje o grupo está parado, o que não quer dizer que esse movimento de grupo tenha acabado, Assiny, Vitor e Lucas fazem parte com mais outros bailarinos, que estão já inseridos no mercado de trabalho da dança, a “mídia máxima”. Tive a oportunidade de ver uma aula desse novo grupo, agora não mais num parque aberto, mas numa sala de dança no bairro do Recreio dos Bandeirantes, emprestada mas com ótimas condições de ensaios. Em agosto de 2014 fui até a academia que lhes sedia a sala, onde encontrei Assiny, Vitor e Lucas junto mais outros bailarinos, como por exemplo, meninas que fazem parte de balés de programa de televisão, outras que dançavam com cantoras ou fazem performances em boates gays do Rio. Todos com muita vontade de aprender, sem se atrasar, e com vivência do mundo profissional da dança, o que entre eles é positivo, por serem de diferentes meios, eles podem trocar experiências e estilos de diferentes de dança.

Com isso pude observar uma grande mudança, além do espaço físico diferente do aterro do flamengo, esse público sem infraestrutura para comportar os ensaios do grupo e o novo, um espaço privado específico para a prática da dança. Também pude observar que os bailarinos não chegavam atrasados e todos estavam empenhados a aprender. E o mais importante, a legitimidade, essa que esse novo grupo ganhou no novo espaço. No aterro do flamengo, um espaço público, o grupo ensaiava com vaia e insultos, de quem passava pelo parque, porém os mesmos não abaixavam a cabeça e os revidavam. Quando o grupo sai da rua pública, e vai para uma sala de dança privada ganha legitimidade, primeiro pelo próprio espaço e segundo pelas condições de ensaio, não só técnicas mas também de bem estar, sem ter que ficar escutando insultos enquanto ensaiam.

Logo como grupo eles ainda estão trocando experiências, e valores simbólicos comuns, com suas identidades sociais positivadas por um campo capaz disso, que é a cultura, mais, as políticas culturais de identidades, ético-identitárias, onde o grupo social é privilegiado em relação a “tecnocracia estatal”, que com suas tecnologias específicas do campo do Estado restringe sujeitos, que não reconhecidos por ele não tem acesso a seus mecanismos, como são as políticas culturais cartográfica-institucionais. Então, para que sujeitos que não tenham suas identidades sociais reconhecidas por um Estado e sociedade civil possam ser cidadãos reais e não virtuais, apenas pelo direito ao voto, as políticas ético-identitárias são uma emergência a nossa sociedade. Para que sujeitos como o grupo Boy’z UP, eu e outros homossexuais afeminados possam ter acesso aos direitos civis reconhecidos, mais que um contrato de união civil, o direito de expressar nossas afetividades homossexuais em locais públicos sem que soframos vigilância de uma sociedade heteronormativa.

A política da diferença, segundo Domingues (2013), deve ser implementada para assegurar esses e outros direitos, além apenas do reconhecimento. No segundo capítulo, quando falo da garantia de novos direitos, João Domingues nos fala que a normatividade deve privilegiar o campo ético-identitário e que ela trás diferentes cosmologias e práxis de inserção na vida política e cultural. Para isso a política institucional é essencial, segundo o autor, para que programas políticos cuja institucionalidade agirá nas suas gramáticas de produção do reconhecimento possam dar relevância às diferenças étnicas, sociais e culturais, promovendo assim cidadãos, que segundo Marilena Chauí, seria quem goza a plenitude dos direitos civis, sociais e econômicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar através desse trabalho, a sexualidade no berço da nossa sociedade moderna, a Grécia, possui papéis diferentes do que temos hoje, as relações homossexuais existiam de forma mais livre, sem uma vigilância sobre essa prática. Ainda nessa época, a mulher e o homem já possuíam diferentes papéis sociais, como o homem sendo público e a mulher privada. Porém, como nos mostra Foucault em seu livro Nascimento da Biopolítica (1979), a normatização da heterossexualidade e outras praticas sociais, se deram efetivamente no séc. XVIII onde o Estado tomado pelo fundamentalismo da Igreja Católica, exerce uma caça as práticas ditas pecaminosas e pagãs. Com isso a heterossexualidade é adotada pelo Estado como uma forma saudável e próspera para a sociedade, já que o matrimônio o “ideal” é a família heterossexual, essa que produzira mão de obra e consumidor ao Estado futuramente.

A heterossexualidade sendo a única sexualidade entendida pela razão de Estado como normal e possível, tornou-a um padrão, e com isso sujeitos homossexuais foram perseguidos e punidos por possuírem praticas sexuais distintas desta norma. Para as repressões contra outras formas de sexualidades, foram utilizadas instituições como a Medicina, Escola e Família. Todas elas moldadas sobre uma visão única e estritamente heterossexual. Porém, como podemos observar no primeiro capítulo não há Estado ou instituição capaz de conter a existência de nada que eles mesmos proibam ou reprimam. Como no caso dos homossexuais masculinos afeminados que por mais perseguidos e caçados não deixaram de existir, freqüentando lugares não tão públicos mais ainda sim conseguindo exercer suas práticas sexuais.

Esse trabalho, como vimos, foi fruto de uma pesquisa de campo realizada com o grupo de dança Boy'Z UP, e assim como eles sou homossexual, e me considero afeminado também, por isso trouxe para essa pesquisa primeiro minha experiência de vida que como já disse ao longo do texto, foi pactuada por regras de comportamentos masculinos. Essas regras que ao longo do tempo se tornam normatizadas até para sujeitos que não se sentem confortáveis pactuando com essas regras e até mesmo querem negá-la ou questionarem, mas não conseguem por estarem condicionados ao estigma. Esse que Goffman (1988) nos fala que pode reduzir o ser humano a sua diferença e assim perder sua noção de ser humano total, reduzindo apenas ao ser humano estigmatizado.

Para que praticas diferentes da sexualidade possam ser reconhecidas positivamente por sua diferença, apresentei nessa pesquisa as Políticas Culturais ético-identitárias (DOMINGUES 2013), como meio para positivação de identidades sociais deterioradas. A terminologia das políticas culturais, como apresento no texto, é uma forma particular de olhar o campo das políticas culturais, já que esse campo está se consagrando na razão de Estado como algo que parte dele para atender demandas da sociedade, as chamadas políticas culturais cartográfico-institucionais. Da forma como analiso esse campo a partir da perspectiva ética-identitária, os sujeitos não são receptores da política, mas agentes e gestores, e para que esse entendimento de políticas culturais seja reconhecido, é preciso que haja um campo social de disputa, como é o caso analisado nesse trabalho, que tem como campo de disputa a sexualidade. Contudo, não uma disputa para inversão da hierarquização existente, onde a heterossexualidade se sobrepõe a homossexualidade, mas uma disputa pelo reconhecimento positivo das praticas e símbolos homossexuais nas mais diversas esferas do Estado e da sociedade.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_ **História da Sexualidade I: Vontade do Saber**. Tradução: Maria Tereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Ed Graal, 1999.

\_\_\_\_\_ **Historia da sexualidade II: O uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro, Ed Graal, 1984

\_\_\_\_\_ **História da sexualidade III: Cuidado de Si**. Tradução: Maria Tereza da Costa Albuquerque. Ed Graal, 1984

\_\_\_\_\_ **O Nascimento da Biopolítica**. Tradução Eduardo Brandão São Paulo, Ed Martins Fontes, 1979

CHAUÍ, Marilene. **Cidadania Cultural: O direito a Cultura**. São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006

BARBALHO, Alexandre. **O papel da política e da cultura nas cidades contemporâneas**. In: Políticas culturais em revista, ed. 2, p.1-3, 2009 . - Presente em: [www.politicasculturaisemrevista.ufba.br](http://www.politicasculturaisemrevista.ufba.br).

BARBALHO, Alexandre. **Textos Nômades: política, cultura e mídia**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008

BERTEAUX, Daniel. **Los Relatos de Vida. Perspectiva Etnosociológica**. Barcelona, ED Bellaterra, 2005

Domingues, João Luiz Pereira. **Diversidade Atrofiada: políticas de regulação urbana e movimentos culturais insurgente na cidade do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano IPPUR/UFRJ, 2013

ESTEVES, Antônio Joaquim. **Metodologias qualitativas Analise Etnográfica e Histórias de Vida**. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4257.pdf>. 2011

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos, 1988.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia: limites de um conceito em meio a disputas.**Disponível em:[http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07\\_junqueira.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07_junqueira.pdf). 2003

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar: Os caminhos do cosmopolismo multicultural.**Ed. Civilização Brasileira. 2003

OPHOBE, Guillaume. **Revista Hétéroclite.** França, nº81, pg 21, setembro de 2013.

## **FILMOGRAFIA**

DVD Ditadura Gay: desconstruindo a família tradicional. Marisa Lobo. Psicologia Cristã (2013).

Paris Burnning. Direção: Jennie Livingston. Produção: Jennie Livingston, Barry Swimar1990

## ANEXOS

### Lucas

25/09/2014

Sua primeira percepção que era diferente dos outros meninos foi na terceira série, quando não se sentia a vontade em atividades ditas de menino, como o futebol. Contudo, Lucas não era avesso a esporte, jogava handball, onde as mãos são utilizadas para conduzir a bola, o garoto só não tinha afinidade com a bola no pé. Nesta fase os meninos o ofendiam chamando de viadinho, gay...

Com 16 anos quando namorava uma menina, passou em frente a uma boite gay, o que lhe despertou um enorme interesse em conhecer o lugar. Então, ele volta com seus amigos e sua namorada, e lá “se encontra”. Foi ali que Lucas teve sua primeira experiência homossexual, quando beijou um menino pela primeira vez. Logo no dia seguinte, terminou com a namorada dizendo que ele teria se descoberto gay. A ex namorada é sua amiga.

Ainda com 16 anos e treinando handball, começa a faltar aos treinos para fazer escondido aula de dança. quando q ele contou p mae q queria dançar?

Sua mãe, Fulana ou Dona Fulana diz que, desde a infância, os outros sempre a “precaveram” contra a homossexualidade do filho, porém isso não era uma questão para ela que não via problema nessa possibilidade. Certa vez Fulana repreendeu um menino que ofendeu Lucas o chamando de “bixinha”. quando criança, porém só nas palavras, no campo das ideias. Porém, a certeza só veio quando seu filho estava sofrendo por um menino, seu primeiro relacionamento, nesse momento, Lucas decide contar para sua mãe, ela o apoia e diz que isso não faz diferença diante o amor de mãe que ela tem por ele.

Certa vez, durante o carnaval, seu pai foi levar ele e seus amigos para Ipanema na Rua Farme de Amoedo, conhecida por ser uma “Rua Gay” – condição oficializada pela placa da Rua.

Quando contou para seu pai , tinha também 16 anos, a reação foi diferente. No começo, o pai demonstrou não estar de acordo com a orientação sexual do filho, tornando a convivência conflituosa em casa, isso fez com que Lucas deixasse de falar com seu pai por um período. Um dia, casualmente num encontro pela rua, os dois se olharam e seu pai pediu desculpa pelo que fez, então, a partir desse dia os dois conversaram e fizeram as pazes.

Quando Lucas passa a integrar o Boy'z up, sua mãe Tia Rosa, como ficou conhecida pelo grupo, se tornou uma espécie de mãezona de todos. O papel de Tia Rosa é simbolicamente materno para os meninos, pois muitos do bailarino não puderam contar com o apoio de suas mãe na sua sexualidade e na dança como forma de trabalho.

No ano de 2013, enquanto dançava com Anitta em uma apresentação ao vivo transmitida pelo canal de TV Multishow, a cantora ao se referir a Lucas, diz: *“Ah se ele fosse homem?”* Neste momento, sua avó, que até então não sabia de sua orientação sexual, estava junto a mãe dele vendo a apresentação. Lucas disse após o comentário, só conseguiu pensar em sua família, pois até aquele momento somente seus pais sabiam de sua homossexualidade. O constrangimento foi tão marcante que naquele momento Lucas só conseguiu virar de costas para o público. Anitta continuou a fazer esse tipo de comentário em outros shows.

Hoje Lucas pode levar um namorado em casa, mas ainda não se sente a vontade para trocas de afeto perante sua família. Sua identidade é positiva para sua irmã de apenas 5 anos, ela acompanha as apresentações do Boy'z up, onde seu irmão e os demais estão caracterizados com roupas homoeróticas, a cada show a menina se deslumbra com as maquiagens, roupas. , não é uma marca de estigma pra ela, é apenas as praticas de seu irmão, o qual ela tem muita afeição.

## Vitor “Vih”

03/09/2014

Vitor, doravante Vih, teve sua primeira experimentação sexual cedo, logo na 3º série, com meninos da escola e com seus primos. Também foi nessa época que percebe o tratamento diferente dos meninos com ele, quando Vitor começou a dançar Hip-Hop os meninos não queriam ficar perto dele por que ele era gay.

Sua primeira paixão foi aos 16 anos, quando namorou por 4 anos um menino. Quando contou para sua mãe que era homossexual, ela o alertou sobre o “mundo gay”, dando o exemplo do seu Tio que também era gay e possuía HIV. Dona Fulana conta para o filho que ela e seu pai acompanhavam o seu Tio nas boites gays na década de 80, 90, e conheciam bem esses lugares, portanto, era necessário que Vih se atentasse aos perigos.

Foi a mãe de Vih que contou para o seu pai que ele era gay, ele esperou um tempo para conversar com o filho sobre esse assunto. Com medo da reação do pai, Vih foi para casa do namorado, até que um dia pai e filho se encontraram e conversaram uma única vez sobre isso. Hoje eles se dão bem, e de forma surpreendente, na última festa de aniversário do Vih, os pais fizeram uma decoração toda rosa, como forma de agradar o filho.

Quando jovem Vih trabalhava com entregas no centro do Rio para juntar dinheiro para realizar seus sonhos na dança. Hoje, é bailarino da Anitta, ganha R\$300,00 por show, e nos ensaios uma ajuda de custo R\$30,00 por dia.

## Rodrigo “Assiny”

03/09/2014

Rodrigo, doravante Assiny, fundou o grupo Boy’z up, depois que assistiu a apresentação de um grupo em Bruxelas, na Bélgica, com uma proposta similar.

Na escola não sofria estigma, seu comportamento era comum aos outros meninos. Com 16 anos percebeu que gostava também meninos depois que se apaixonou por um amigo heterossexual. Isso o fez sofrer muito pois não aceitava o fato de ser homossexual. Relutou, tentou viver como um hétero, chegou a namorar uma garota mas essa o traiu, o término foi inevitável.

Mesmo tentando viver uma identidade avessa a sua, durante o namoro com a ex namorada, Assiny continuava a sentir atração por homens, porém a reprimia. Contudo, segundo ele, quando terminou o namoro decidiu ser feliz, finalmente viveu plenamente sua sexualidade. Quantos anos?

A primeira pessoa a ficar sabendo sobre sua sexualidade foi a madrasta, ela o apoiou para que contasse para eu pai, e assim o fez. Um dia, Assiny e seu pai conversaram, não houve nenhuma rejeição paterna e ainda revelou para o filho que também tinha amigos gays e não via qualquer problema nisso.

Porém para o restante de sua família sua sexualidade ainda era assunto desconhecido, não se falava, não interessava. Até que um dia durante o programa “Se Ela Eu Danço”, no SBT, em uma apresentação que realizava pela Cia de dança RM, o apresentador perguntou, quem era gay, Assiny então falou que era, a partir daí, sua família então ficou sabendo sobre sua orientação sexual. Essa revelação não se tornou um problema, em festas e eventos de família, Assiny se relaciona bem com seus parentes. Quantos anos?

## **Ensaio Diewry**

19\08\2014

Estava ensaiando para representar o Boy'z UP, na primeira vez em uma mostra me Mato Grosso do Sul.

Saiu de casa com 16 anos, pagava seu próprio aluguel no valor de R\$ 300,00, sua renda vinha do trabalho como Patrulha Mirim em sua cidade para se manter. ele acha que tem comportamento adequado para cada lugar.

Ele via sempre o grupo Boy'z UP com uma identidade: artística e social virtual e real parecida com a dele, que o diferenciavam dos garotos de sua cidade.

Na terceira série percebeu que se sentia atraído por meninos. Com 16 anos beijou pela primeira vez um garoto, seu amigo. Logo depois conta para a mãe, que defende ser apenas uma fase e que logo passaria, não passou. Ao perceber que não se tratava apenas de uma fase não comenta mais o assunto com a mãe. Ainda com 16 anos, contou ao seu padrasto, a partir daí começa uma série de agressões a ele e a mãe, que passara o apoiar e defender.

Diewry era católico, mas sua religião desde os 20 anos é o espiritismo kardecista, contudo, ainda mantém uma grande devoção a Nossa Senhora Aparecida.

## Diário de Ensaios e Festas

### Ensaio 16/06/2013

Cheguei ao aterro do flamengo às 14h, logo encontrei Vih, um dos coreógrafos da companhia “Boy Z UP”. Ele já estava desde as 10h da manhã ensaiando com outra companhia. Os outros bailarinos foram chegando aos poucos, mas sempre quando se encontram ficam juntos. Infelizmente nesse ensaio muitos faltaram, o que deixou Vih bem irritado, por não terem avisado. Ele começa falando da apresentação da semana anterior, no festival de danças urbanas Rio H2K, mesmo com o elenco reduzido, logo depois das considerações iniciais os bailarinos foram ter uma aula para não perderem o tempo de ensaio, já que todos moram longe da zona sul.

A aula era uma coreografia que poderá se tornar um vídeo, só que não era uma coreografia como a que eles já estavam acostumados a fazer, era com movimentos mais heteronormativos, o que me fez observar através da reação de um dos bailarinos, como o corpo desses garotos se torna político, quando um dos bailarinos sai no meio do ensaio e diz: “*Virar Boy não dá!*”

Junto com os relatos de violência que eles sofrem, coió<sup>65</sup>. Um deles já foi atropelado, só pelo fato de ser gay outro da companhia foi assaltado duas vezes em menos de 3 horas.

Que cidade diversa é essa, através das políticas contra o preconceito GLBT, Císsa Guimarães: Uma cidade tão bela como o Rio não combina com preconceito.

---

65 Agressão física e moral

## **Festa Chá da Anitta**

22/06/2013

Chá da Alice é uma festa classe A, do circuito GLS do Rio de Janeiro. Chá da Anitta é uma edição especial em que a cantora de funk Anitta é convidada para cantar na festa. Anita trabalha em seus shows com dois profissionais da Boy Z UP: Lucas Oliveira - bailarino e Daniel Lourenço – coreógrafo. A cantora tem 20 anos e cresceu no subúrbio carioca, em suas músicas fala de uma menina que é meiga e ao mesmo tempo esperta; sagaz. Assim que a Anitta sobe no palco e os bailarinos entram, um rapaz grita atrás de mim: “*Quero ver Bofe<sup>66</sup>, sai daí maricona*”.

---

66 Homem com signos corporais e sociais masculinos

## **Ensaio**

30/06/2013

O ensaio foi marcado para começar as 13h. Cheguei ao aterro às 13:45 e ninguém do grupo estava presente para o ensaio, liguei para o Vih, para perguntar se haveria mesmo ensaio, e o ele me respondeu “estressado” que estava chegando. Às 13h50, dois integrantes da companhia chegaram e logo em seguida Vih, que falou com todos exceto comigo, mas entendi que era o estresse gerado pela falta de pessoas no ensaio. Em seguida Assyni, outro responsável pelo grupo, chegou e defronte a poucos da companhia, fez um discurso no qual questionou a possibilidade da continuidade com aquele grupo de bailarinos, pois a maioria não estava demonstrando comprometimento com o trabalho realizado. O que geralmente acontece com grupos de dança que não tem patrocínio, ou um vínculo de trabalho.

Ainda no discurso, Assyni falou que está focado na profissionalização do grupo, quer trabalhar com pessoas que querem progredir tecnicamente, para de fato isso gerar possibilidades de trabalho para o grupo. Fez uma comparação com os seus primos, que já possuem uma vida estabelecida, utilizando o carro como objeto demonstrativo para esse estabelecimento financeiro.

Em outro momento Assyni fala que mudou a categoria de grupo nos festivais, de grupo de “Concorrência” para grupo “Apresentação”. Segundo Assyni, ele percebeu que haveria um preconceito por parte dos jurados, e para não passar por essa humilhação agora eles só fazem apresentações.

O grupo irá se apresentar na Argentina em agosto, esse comunicado tinha sido feito desde Outubro 2012. Segundo Assyni o grupo poderia se preparar para juntar dinheiro e ir para essa apresentação, na qual contará com os maiores nomes das danças de rua. E contudo a maioria da companhia nem sequer avisou nada ainda sobre este fato, só alguns deram o posicionamento que irão para o festival.

## **Ensaio**

07/07/2013

Desta vez o ensaio foi marcado pela manhã às 10h. Cheguei ao local por volta das 11h30, pois já estava acostumado com os atrasos da companhia. O Assiny já estava no aterro assim como o Viih, além de outros bailarinos, dessa vez, uma parte maior que nos últimos ensaio. Assiny estava discursando, mais uma vez sobre a possibilidade e vontade de acabar com o grupo, novamente por conta do descomprometimento de alguns integrantes com os ensaios. Vih complementa o discurso de Assiny com a seguinte frase: “*Ter likes no Facebook é igual ser rico no banco imobiliário*”, compara ao valor artificial do status de muitas curtidas no FB, com a grande quantia de “dinheiro” fictício do jogo Banco imobiliário.

Assiny continua: “*Me pediram indicação pra trabalho, para dançar com uma cantora, como vou indicar vocês com esses corpos horrorosos?*” Referindo-se aos corpos dos meninos da companhia serem frágeis, magros indo contra ao padrão de masculinidade pedido pelo mercado.

Mas Assiny também se diverte nos ensaios, em um dado momento da coreografia onde todos fazem uma pose. Assiny grita: “*Viado uma mais caruda que a outra!*” Dando conta de que não sabia quem fazia a pose mais extravagante.

## **Ensaio**

14/07/2013

O ensaio estava marcado para começar ao meio dia. Cheguei ao aterro às 13h40 e o ensaio ainda não tinha começado. Assiny estava comentando de um programa de TV em que ele, Binho e Jonatan foram convidados para dançar e falar sobre o estilo de dança que eles fazem. Os três estavam com sapatos femininos de salto alto, falavam sobre dos estereótipos dos homossexuais que estavam na gravação, uns maquiados, fazendo o carão da garça no Retiré (passo de ballet clássico), em referência a pose esnobe, de superioridade que *as gay* da gravação faziam para eles.

Assiny também descreveu uma pessoa que trabalhava no programa, falou que essa era estranha, o que me pareceu que a mesma possuía uma deformidade no rosto, o que gerou riso entre os integrantes, inclusive piadas sobre esse fato.

Sobre a conduta da apresentadora, Assiny destacou a superficialidade da TV, apontou que a apresentadora puxava o tempo todo o debate pra ela, não deixando os convidados falarem mais profundamente sobre suas questões, conferindo apenas o olhar de espetáculo e tornando superficial cada discurso.

## **Ensaio**

18/07/2013

Desta vez estavam presentes o grupo que dançará no dia 18/07 como convidados no evento “X-TUDO CULTURAL”, no teatro do Sesi-centro, no Rio de Janeiro. Este evento envolve diversas manifestações artísticas e tem como objetivo a democratização da cultura na cidade.

Começando o ensaio, o grupo muito rapidamente foi lembrando a coreografia, Assiny foi remarcando os lugares, por conta do número de bailarinos que diminuiu desde o Rio H2K. No meio do ensaio me deparei com duas pequenas meninas, com mais ou menos 6 anos assistindo a coreografia atentamente, maravilhadas observaram cada movimento da coreografia e o comportamento dos meninos, o que gerava risada entre elas, eu, os meninos, Assiny, e quem mais observasse o ensaio.

A falta de equipamento de som chamou minha atenção para os bailarinos que cantavam as músicas para que assim todos pudessem saber o tempo certo da coreografia. As músicas majoritariamente são formadas pelo pop americano, e por cantoras que falam sobre o “girl power”. Em inglês, as letras das músicas cantadas pelos bailarinos são inventadas no sentido cômico, mas sempre aproximando a fonética da palavra inventada com a fonética da pronúncia correta da palavra em inglês, já que eles não dominam a língua. Por exemplo, na letra da música de Britney Spears “I’m a Slave 4 U” na parte em que Britney canta –“*Now Watch Me*”, no ensaio os bailarinos cantaram “*Não ache me*”.

Acabando o ensaio, Assiny parabeniza os meninos pelo bom trabalho, e marca um novo ensaio para quarta-feira, 17/07, um dia antes da apresentação no Sesi-centro. Este ensaio é para que Viih e Pimpinela, peguem a coreografia e as marcações, já que eles não estavam presente no ensaio por conta do Festival de Dança de Curitiba.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

---

## AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

---

Niterói, 21/07/2016

Eu, **MARCOS MAGNO ESPINDOLA DE MOURA**, CPF 133.715.207-22 formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada **“VIRAR BOFE NÃO DÁ! A NORMATIZAÇÃO DA HETEROSSEXUALIDADE E POLÍTICAS CULTURAIS ÉTICO-HIDENTITÁRIAS COMO EMANCIPAÇÃO DE IDENTIDADES ESTIGMATIZADAS”** defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

  
\_\_\_\_\_  
**MARCOS MAGNO ESPINDOLA DE MOURA**